

A situação das licenciaturas no Brasil: um estudo a partir dos cursos de Ciências Naturais e Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina

Equipe

*Paulo Lima Júnior
André Vitor Fernandes
Delano Moody Simões da Silva
Samuel Loubach da Cunha
Paula Elías de Sá
Débora Cynthia Alves de Souza*

1. Introdução

A formação dos professores no Brasil sempre foi tema de destaque no debate sobre educação no país, ora pela falta de formação ou qualidade da mesma, ora pela baixa procura ou evasão dos cursos ou pela desvalorização da carreira. Desde a promulgação da LDB de 1996 algumas questões passaram a ser normatizadas pela própria lei ou por legislações complementares, como a exigência da licenciatura plena para o exercício da docência na educação básica, carga horária mínima do ano letivo, organização curricular das diferentes etapas da educação, dentre outros aspectos. Mesmo assim, a formação de professores ainda tem muitos desafios pela frente, sendo que um dos mais importantes é tornar os cursos de licenciatura e a carreira docente mais atraentes para os jovens e adultos que escolhem acessar os cursos superiores.

Gatti e Barreto (2009) demonstraram que entre 2001 e 2006 ocorreu um crescimento dos cursos das licenciaturas tradicionais para componentes específicos do currículo do ensino fundamental e médio (Biologia, Química e Física, por exemplo). Em estudo realizado por Marandino e Beltrão (2018), com relação ao número de matriculados, observou-se um aumento até 2012 para as licenciaturas tradicionais e, após esse período, uma redução nesse quantitativo. No caso das instituições públicas o aumento é acentuado após 2007, correspondendo ao período de início do REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). Segundo dados no INEP, as matrículas em cursos de licenciaturas presenciais tiveram um crescimento expressivo entre os anos de 2003 e 2008, quando passaram da casa de um milhão de ingressos, segundo dados do censo da educação superior (BRASIL, 2011). Em 2000, o censo registrou 836,1 mil matrículas e, em 2003, esse número alcançou 1,1 milhão. O pico do crescimento aconteceu em 2005, com 1,2 milhão de ingressos na modalidade. Nos anos seguintes, o censo mostra um decréscimo lento nas licenciaturas em todo o país (BRASIL, 2011).

Tomando por base o Plano Nacional de Educação (PNE), que determina metas para garantir o acesso à escola, a permanência e “as condições para concluir, na idade certa, suas etapas com níveis satisfatórios de aprendizagem” (Brasil, 2015, p. 9), é necessário não só mapear os cursos de licenciatura no Brasil, mas também conhecer o perfil dos ingressantes desses cursos e acompanhar os egressos. Baseados em dados do Censo da educação, Marandino e Beltrão (2018) indicam que, em sua maioria, os estudantes das licenciaturas são oriundos de políticas de inclusão no ensino superior, egressos de escolas públicas, com pais que apresentam baixa escolaridade, entram no curso tardiamente e trabalham durante o curso. Esse quadro aponta para alguns desafios com

os quais as instituições precisam se preparar para lidar no que se refere à permanência nos cursos de licenciatura.

Diniz-Pereira (2015) também destaca a influência do perfil dos ingressantes e seu percurso formativo no futuro profissional. Segundo o autor, a maioria dos professores atuantes na educação básica são provenientes de instituições privadas, não-universitárias e de cursos noturnos. O autor destaca ainda que a dificuldade dos alunos manterem o seu sustento durante a graduação, a baixa expectativa de renda em relação à futura profissão e o declínio do status social da docência fizeram que os cursos de licenciatura, tanto em instituições públicas como privadas, convivessem com baixa procura e altíssimas taxas de evasão e, conseqüentemente, permanecessem em constante crise.

Na Faculdade UnB Planaltina são oferecidos dois cursos de Licenciatura: Ciências Naturais e Educação do Campo. São dois cursos não tradicionais e de criação recente se comparados a outras licenciaturas, que, além trazer todos os problemas relacionados à docência de cursos tradicionais, ainda sofrem por desconhecimento por parte dos estudantes de ensino médio e pelos empregadores tanto na esfera pública como privada de suas especificidades, o que pode contribuir para um baixo interesse por essas carreiras.

A) Licenciatura em Educação do Campo

Os cursos de Licenciatura em Educação do Campo (Ledoc) foram implementados em 42 IES brasileiras a partir da demanda de movimentos sociais, sendo que esses cursos têm como objeto a escola de Educação Básica, com ênfase na construção da Organização Escolar e do Trabalho Pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Os cursos pretendem preparar não somente o docente para sala de aula, mas também como gestor de processos educativos na comunidade (MOLINA, 2015).

A organização curricular dessa graduação prevê etapas presenciais, ofertadas em regime de Alternância entre Tempo Escola e Tempo Comunidade, tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo. Esta metodologia tem por objetivo também evitar que o ingresso de jovens e adultos na Educação Superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo, bem como facilita o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício nas Escolas do Campo (MOLINA; SÁ, 2011; HAGE; SILVA; BRITO, 2016).

Entre os desafios para essa licenciatura estão: a garantia de ingresso dos sujeitos do campo, a vinculação das atividades educativas na própria comunidade e a inserção do perfil do licenciado em Educação do Campo nos editais de concursos públicos realizados pelas esferas estadual, federal e municipal para educadores das escolas rurais. (ANTUNES-ROCHA; MARTINS, 2009; MOLINA; SÁ, 2011; HAGE; SILVA; BRITO, 2016; MOLINA).

B) Licenciatura em Ciências Naturais

As licenciaturas plenas em Ciências Naturais ou da Natureza (LCN) surgem mais expressivamente, no contexto nacional, a partir dos anos 2000 e até a atualidade, seus currículos de formação docente não possuem Diretrizes Curriculares Nacionais

específicas que orientem a formação integrada que esse perfil docente exige. Além desse ponto, pesquisas indicam que muitos desses cursos, ofertados por instituições de ensino superior públicas, não apresentam a abordagem interdisciplinar requerida na formação inicial do docente de Ciências Naturais (GOZZI; RODRIGUES, 2017; CAIXETA; ROTTA; SILVA, 2022).

Atualmente, existem 48 cursos de licenciatura denominados como Ciências Naturais e 14 denominados Ciências da Natureza que formam professores de Ciências no Brasil para atuarem em uma perspectiva mais integrada no ensino de Ciências (REIS e MORTIMER, 2020). Embora presentes nas cinco regiões do país, esses cursos estão mais concentrados na região Norte e Nordeste (NUNES et al., 2019). Apesar da região Sudeste apresentar universidades bastante conceituadas, poucas oferecem esse curso, o que pode estar relacionado ao fato de “que as universidades com Institutos de Física, Química e Biologia, muito desenvolvidos, não se interessa[re]m em oferecer esse tipo de licenciatura, pois isso exige um esforço interdisciplinar e integrador” (REIS e MORTIMER, 2020, p. 3).

A Faculdade UnB Planaltina foi o primeiro campus de expansão da Universidade de Brasília e teve como objetivo ampliar o acesso de pessoas, historicamente alijadas do espaço universitário, à Educação Superior. O curso de licenciatura em Ciências Naturais da FUP começou seu funcionamento em 2006 no diurno e, desde 2009, ampliou a oferta para o noturno. De acordo com Schechtman (2017, p. 170), esse curso surgiu “a partir de um pensamento diferenciado, inovador, e mostra um avanço na direção da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade”. O curso em questão visa que os futuros docentes possam se apropriar dos conteúdos específicos e pedagógicos, numa perspectiva social, compreendendo que os fenômenos naturais impactam e são impactados pelos contextos sociais e por seu momento histórico. Além disso, há um empenho na construção de contextos formativos que garantam a formação da identidade profissional professor (RAZUCK e ROTTA, 2014; SILVA e PEDREIRA, 2016; LIMA et al., 2018; SILVA e PEDREIRA, 2020).

Um dos grandes desafios postos para as IES que formam professores de Ciências Naturais está na diversidade de perfis dos egressos. Podemos encontrar desde formação específica para ciências dos anos finais, como formação em conjunto com a Educação do Campo, abordagem intercultural para professores indígenas, como também para as habilitações em Química, Física, Biologia ou Matemática. Essa variedade complexifica a construção de diretrizes nacionais (DCN) bem como a inserção do perfil desse egresso em concursos públicos (ROTTA; SILVA; FERNANDES, *no prelo*).

2. Objetivos Objetivo Geral

Traçar um panorama das licenciaturas no Brasil, na Universidade de Brasília e, em especial, daquelas ofertadas pela Faculdade UnB Planaltina, com atenção para os indicadores de entrada, retenção e evasão, bem como para a percepção que estudantes, docentes e egressos possuem acerca dessas experiências formativas, de modo a traçar um comparativo do cenário nacional e da UnB com a realidade das licenciaturas ofertadas pela FUP. **Objetivos Específicos**

1. **Diagnóstico** – Produzir e interpretar séries temporais dos principais descritores de trajetória discente nos cursos de licenciatura desde, pelo menos 2006, ano em que é criado o primeiro curso de licenciatura da FUP. Além disso, propomos a realização de grupos focais, que terão por objetivo identificar a percepção de estudantes, professores e egressos sobre aspectos relativos aos cursos ofertados pela FUP. As análises têm por objetivo responder as questões especificadas no Apêndice I do Edital FUP 02/2022, comparando os resultados observados nacionalmente e no âmbito da UnB com aqueles apresentados especificamente pela FUP e buscando identificar fatores que contribuem para explicar os padrões observados.

2. **Proposta de Ação** – Com base em dados produzidos na etapa anterior serão propostas ações estratégicas para implementação em períodos de 1, 5 e 10 anos, com o objetivo de promover um aumento do número de estudantes que se daria tanto pelo incremento no ingresso como pela redução da evasão.

3. Metodologia

A) Análise Diagnóstica

Para a produção e interpretação dos indicadores de trajetória discente dos cursos de licenciatura no país utilizamos os microdados do Censo da Educação Superior e métodos de estatística descritiva. Tais dados, apresentados a seguir, são cotejados com os registros da literatura da área de formação de professores, em um movimento que pretende identificar aspectos que podem contribuir para explicar os padrões observados, principalmente no que se refere ao aumento/diminuição da procura e à evasão/permanência dos estudantes nesses cursos.

Para apreender aspectos qualitativos acerca da percepção dos estudantes, docentes e egressos planejou-se desenvolver seis grupos focais, organizados por curso e por perfil dos sujeitos entrevistados, conforme quadro abaixo.

	Estudantes	Docentes	Egressos
Licenciatura em Ciências Naturais	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Licenciatura em Educação do Campo	Grupo 4	Grupo 5	Grupo 6

Os grupos focais podem ser definidos como uma técnica de pesquisa por meio da qual se estimulam as interações entre os sujeitos em torno de uma temática proposta pelo pesquisador. O interesse aqui é apreender a construção das percepções, consensos e dissensos dos sujeitos acerca de aspectos tais como a (in)satisfação em relação aos cursos de licenciatura, as dificuldades, as propostas de melhorias, os aspectos que podem contribuir com o aumento do número de estudantes e aqueles relacionados à diminuição da evasão desses cursos. Os grupos focais foram realizados ao longo do

mês de abril de 2023 de forma presencial, com estudantes da Ledoc e estudantes e docentes da LCN, e de forma remota, com docentes da Ledoc e egressos da LCN. Não foi possível realizar o grupo focal previsto para os egressos da Ledoc devido ao baixo índice de respostas às tentativas de comunicação.

A expectativa com a produção desses dados é a de responder às questões arroladas no Apêndice I do Edital, esforço tecido a partir do cruzamento dos dados quantitativos em relação aos cursos de licenciatura do país, da UnB e especificamente da FUP, com os dados sobre a percepção dos estudantes, docentes e egressos das licenciaturas em Ciências Naturais e em Educação do Campo.

4. Resultados

As questões que nortearam esse estudo foram retiradas da seção B do Apêndice I do Edital FUP no. 02/2022 que apresentamos a seguir:

Qual a situação das Licenciaturas no Brasil?

Qual a situação das Licenciaturas em Ciências Naturais no Brasil?

Qual a situação das Licenciaturas em Ciências Naturais no Brasil?

Qual a situação das Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil?

Qual a situação das Licenciaturas na UnB?

Qual a situação das Licenciaturas na FUP?

Como está a entrada, retenção e evasão nas Licenciaturas na FUP nos últimos 16 anos?

A) Demanda, ocupação e fluxo nas licenciaturas da FUP

Com base nos dados disponibilizados pelo INEP (<https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/indicadores-de-fluxo-da-educacao-superior>) foi traçado um panorama com base em critérios quantitativos. São apresentados a seguir os dados relativos à demanda e ocupação das vagas nas licenciaturas relacionadas às Ciências da Natureza e na Pedagogia. Embora, nesse momento, as análises se atenham aos aspectos quantitativos, cabe indicar que a opção por trazer dados relativos a esses cursos se dá tanto pela aproximação 'epistemológica' entre essas licenciaturas com a LCN como da Pedagogia com uma ideia de docência. Mas tal análise foi provocada também por posicionamentos que emergiram nos grupos focais que apontam a criação de alguns desses cursos como possíveis ações que dinamizariam a FUP, recrutando com maior sucesso novos estudantes e aumentando a visibilidade dos cursos já existentes. Em um segundo momento são apresentados os dados relativos às trajetórias dos discentes desses cursos de licenciatura na área das Ciências da Natureza, da Pedagogia e da licenciatura em Educação do Campo.

A Figura 1 apresenta a relação candidato-vaga nos cursos de Ciências Naturais e Pedagogia. Que indica uma tendência de declínio acentuada. Esse declínio é mais suave para os cursos de Pedagogia e Ciências Biológicas, ao passo que cursos como Física e Química vêm apresentando um menor interesse por parte dos eventuais ingressantes.

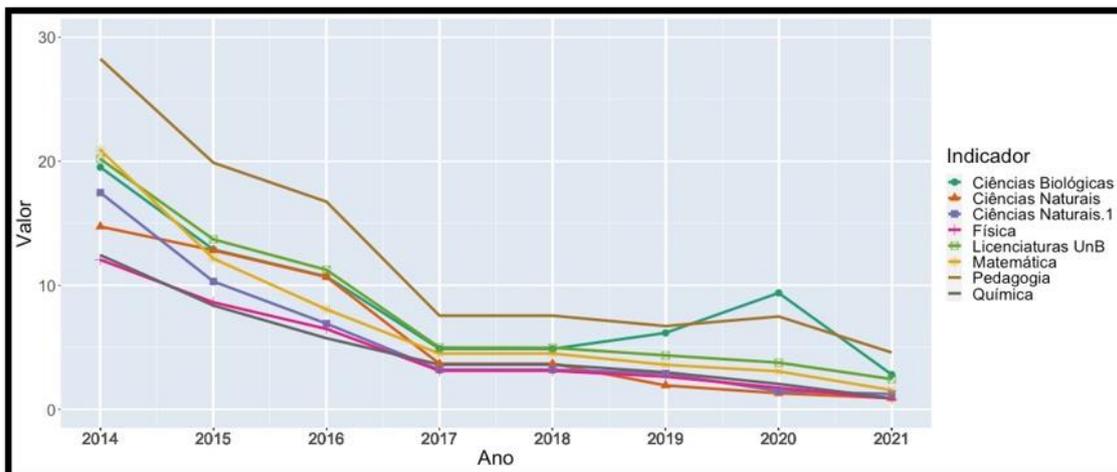


Figura 1 - Relação candidato/vaga nos cursos de licenciatura da área de Ciências da Natureza e Pedagogia (2014-2021) (Fonte: INEP)

Na figura 2 são indicadas as taxas de ocupação dos cursos com alguma estabilidade no período analisado, mas com um indicativo de um declínio a partir do ano de 2020. Os cursos de Pedagogia e de Ciências Biológicas seguem sendo destaque, com o primeiro curso com quase 100% das vagas ocupadas e o segundo com uma ocupação de cerca de 70%

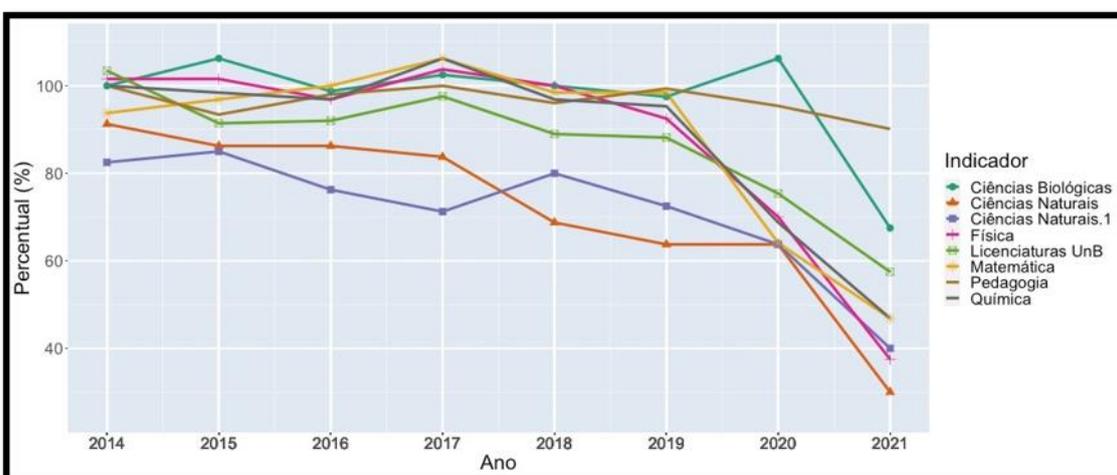


Figura 2 – Taxa de ocupação nos cursos de licenciatura da área de Ciências da Natureza e Pedagogia (2014-2021) (Fonte: INEP)

Indicadores de Fluxo nas Licenciaturas

Nas figuras seguintes apresentamos os indicadores de fluxos para os cursos analisados. Na Figura 3 são apresentados os indicadores Taxa Acumulada de Permanência, Taxa de Conclusão Acumulada e Taxa de Desistência Acumulada para as Licenciaturas no Brasil e na UnB. Nas Figuras 4 e 5, os mesmos

indicadores para o curso de LCN diurno e LCN noturno, respectivamente. Na Figura 6, os indicadores de Educação do Campo. Por fim, na Figura 7, os indicadores de Física, Química, Ciências Biológicas e Pedagogia.

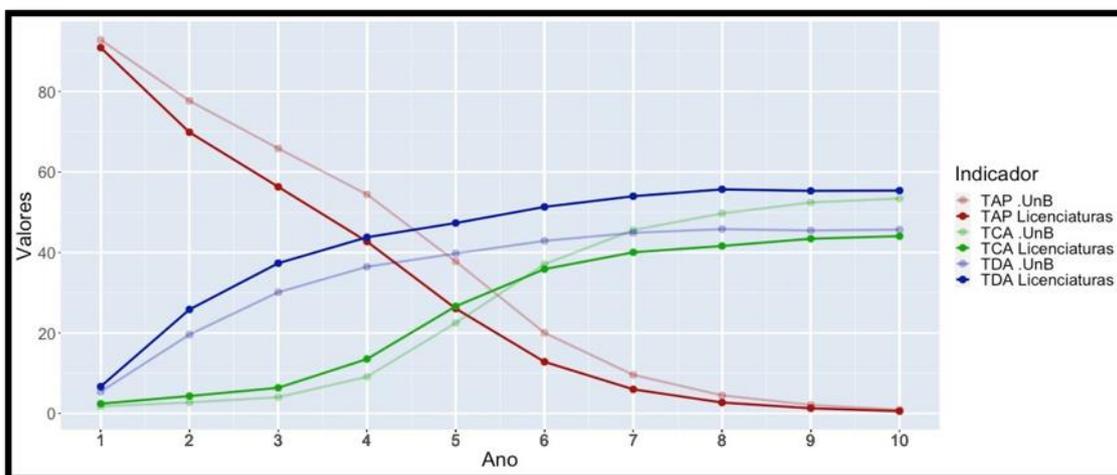


Figura 3 – Indicadores de Fluxo dos cursos da UnB e das licenciaturas UnB. TAP = Taxa Acumulada de Permanência; TCA = Taxa de Conclusão Acumulada; TDA = Taxa de Desistência Acumulada. (2014-2021) (Fonte: INEP)

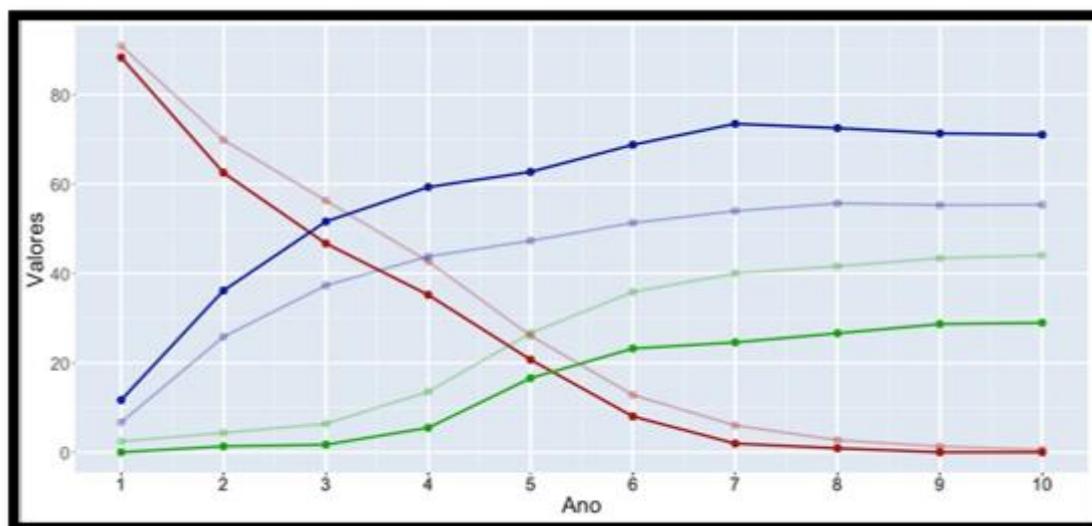


Figura 4 – Indicadores de Fluxo de LCN diurno. TAP = Taxa Acumulada de Permanência; TCA = Taxa de Conclusão Acumulada; TDA = Taxa de Desistência Acumulada. (2014-2021) (Fonte: INEP)

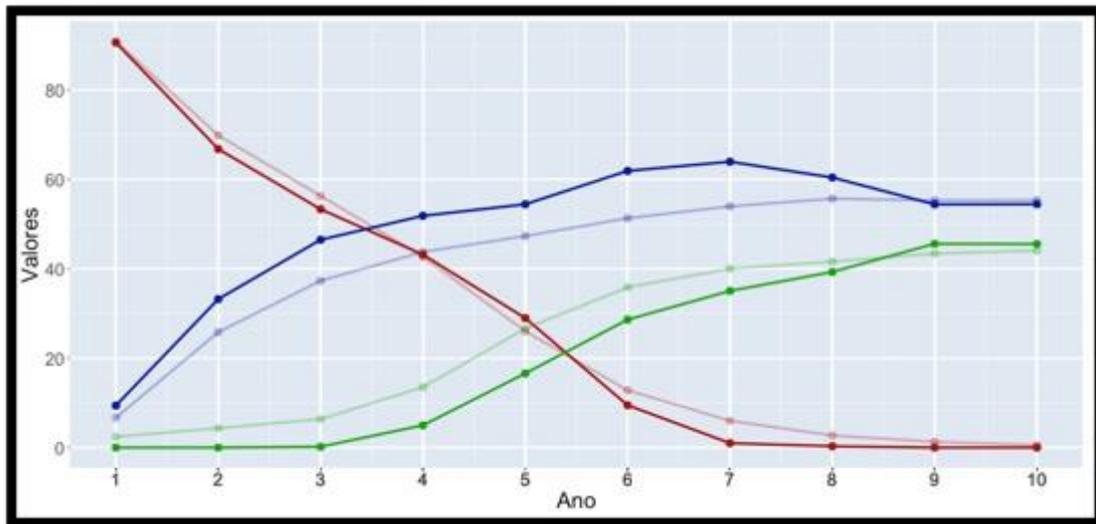


Figura 5 – Indicadores de Fluxo de LCN noturno. TAP = Taxa Acumulada de Permanência; TCA = Taxa de Conclusão Acumulada; TDA = Taxa de Desistência Acumulada. (2014-2021) (Fonte: INEP)

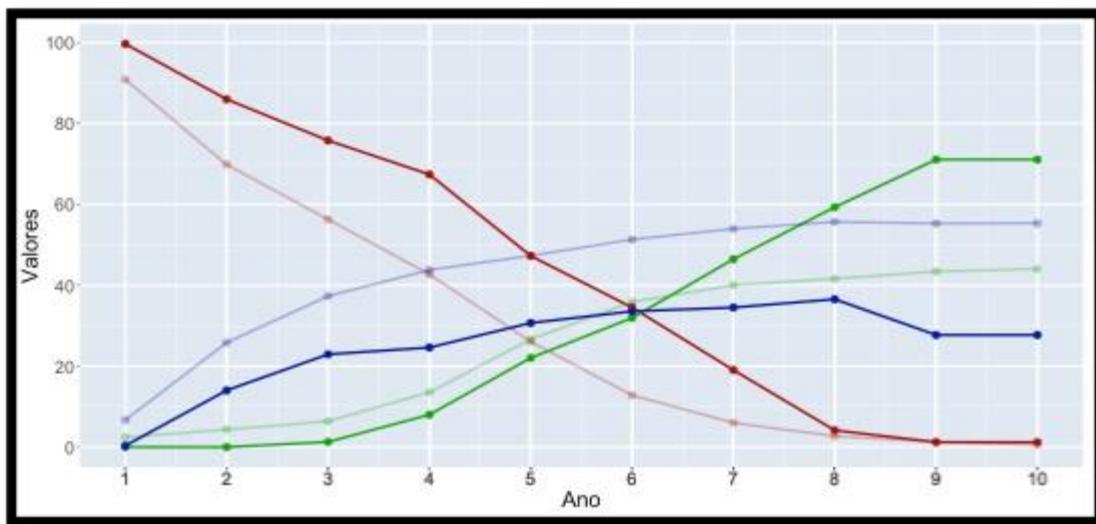
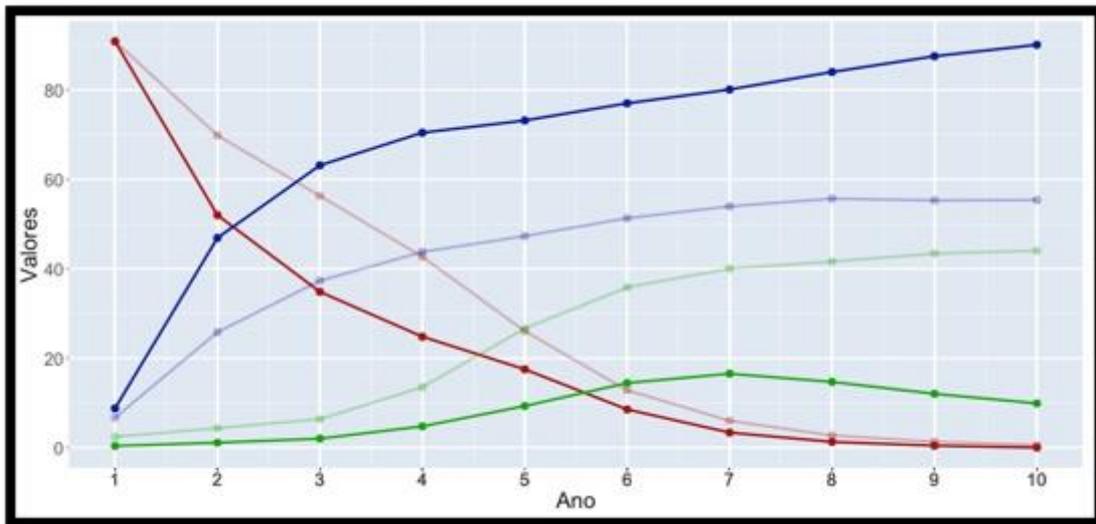
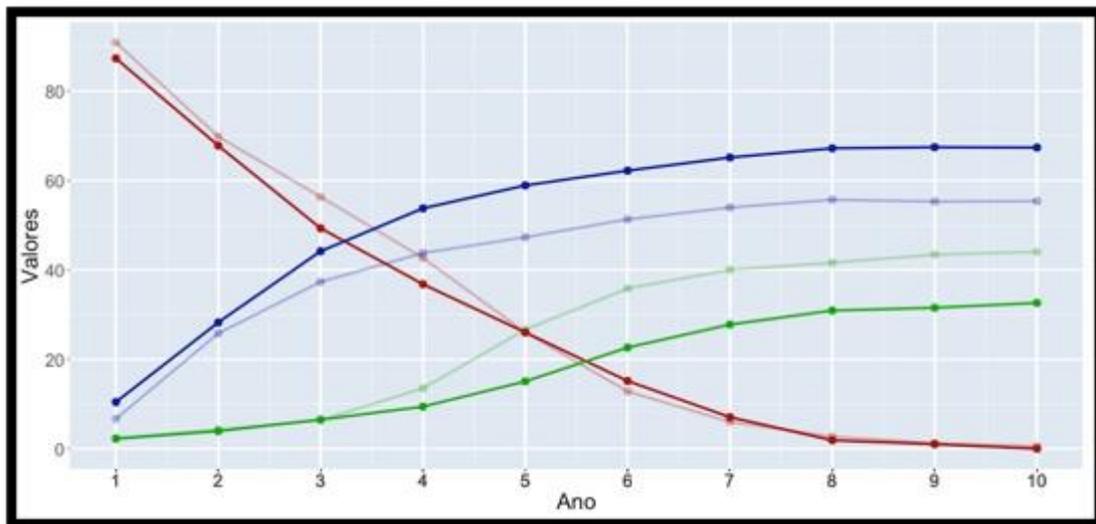


Figura 6 – Indicadores de Fluxo de Educação do Campo. TAP = Taxa Acumulada de Permanência; TCA = Taxa de Conclusão Acumulada; TDA = Taxa de Desistência Acumulada. (2014-2021) (Fonte: INEP)

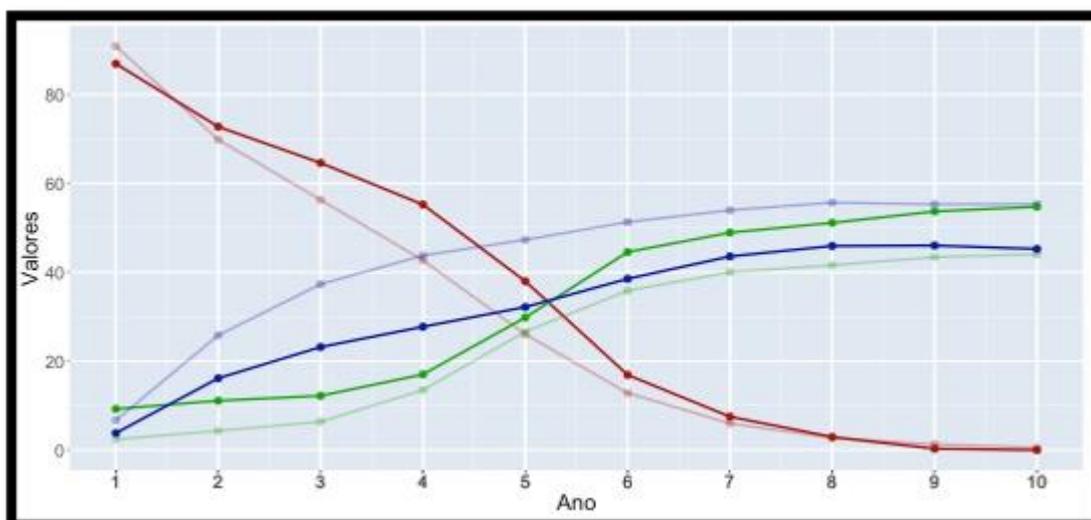
(a) Física



(b) Química



(c) Ciências Biológicas



(d) Pedagogia

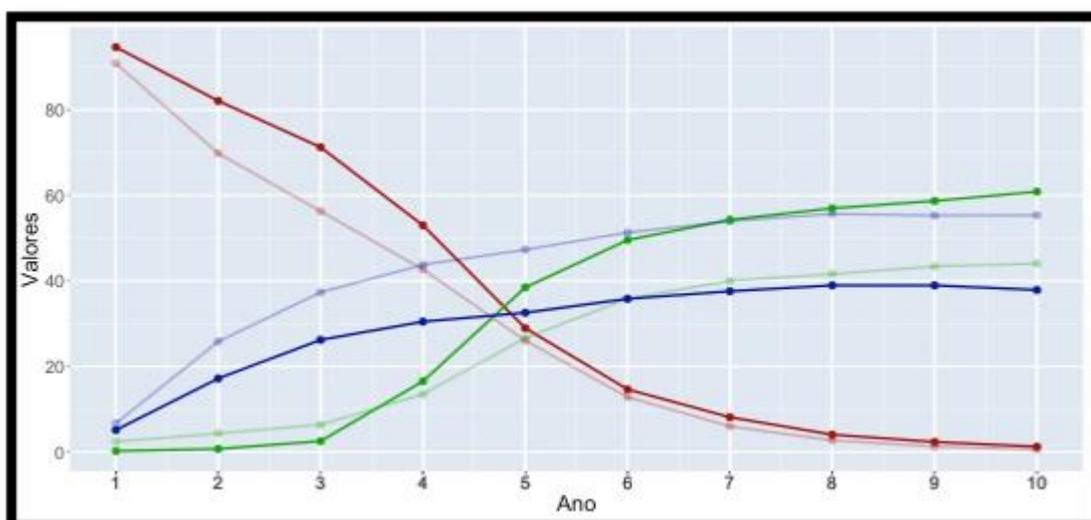


Figura 7 – Indicadores de Fluxo dos cursos de Licenciatura em Física, Química, Biologia e Pedagogia. TAP = Taxa Acumulada de Permanência; TCA = Taxa de Conclusão Acumulada; TDA = Taxa de Desistência Acumulada. (2014-2021) (Fonte: INEP)

Os dados indicam que a relação candidato/vaga vem caindo de forma consistente desde 2014, sendo que as taxas de ocupação das licenciaturas da UnB possuem comportamento variado, mas todas caem na pandemia. De forma geral os cursos de licenciatura em Ciências Biológicas e Pedagogia tem uma performance melhor que as demais licenciaturas.

Quanto aos indicadores de fluxo, todos os cursos têm taxas de conclusão inferiores a média da Unb, com exceção da Ledoc que possui indicadores acima da média da UnB.

B) O que pensam os sujeitos da Faculdade UnB Planaltina

A seguir, são apresentados os dados produzidos a partir dos grupos focais. Os grupos focais realizados com estudantes, egressos e docentes foram registrados em áudio, quando as interações foram realizadas de forma presencial, e por meio das ferramentas de gravação das plataformas quando realizada de forma remota. As interações discursivas produzidas nesses encontros foram transcritas e analisadas de modo a identificar aquilo que parece consenso e dissenso acerca das percepções desses sujeitos que atuam ou atuaram na FUP. Os resultados serão apresentados por curso, iniciando com os destaques acerca das impressões registradas pelos estudantes, em seguida as dos egressos e, finalmente, as dos discentes.

O conjunto de questões que orientou a elaboração de nossos roteiros de condução dos grupos focais é o seguinte:

Qual é o destino profissional dos egressos? Como está a inserção dos egressos nas escolas? Como está a participação dos licenciados em concursos públicos?

Do ponto de vista dos estudantes, o quanto estão satisfeitos ou insatisfeitos com a formação conquistada? Quais são as dificuldades que encontram para realizar o curso? O que desejam para a sua formação? O que desejam para sua vivência na FUP?

Do ponto de vista dos professores, quais os pontos positivos e negativos de cada um dos cursos de licenciatura da FUP? Como melhorar a formação do graduando? Como melhorar a entrada e diminuir a evasão dos cursos?

A tais questionamentos foram somados outros, tais como: (i) como se deu o interesse pelos cursos; (ii) qual era o conhecimento que esses estudantes tinham sobre a FUP; (iii) origem social e perspectivas de futuro; (iv) sobre a estrutura curricular e sobre as metodologias de ensino adotadas e a preparação para o (futuro) mercado de trabalho; (v) sobre as dificuldades em prosseguir com o curso e o risco de evasão; (vi) acerca das carências formativa; entre outras questões que foram formuladas à medida que as interações discursivas se davam. Sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades analíticas que as interações permitem indicamos a seguir alguns eixos em torno dos quais muitos dos posicionamentos orbitaram, o que nos indica alguma relevância quando se trata de responder ao conjunto de questionamentos apresentados.

(I) Licenciatura em Ciências Naturais

Grupos focais realizados com discentes

O grupo focal realizado com os discentes reuniu sete estudantes matriculados entre o 5º e o 7º semestre da LCN. O encontro teve uma duração de cerca de duas horas e foi conduzido por dois membros dessa equipe. Após uma breve apresentação sobre a trajetória dos estudantes e o que os trouxe ao curso de LCN os pesquisadores foram apresentando as questões e possibilitando aos participantes a interação discursiva acerca de aspectos que pareciam mobilizar o grupo. A seguir, destacamos alguns aspectos que pareceram relevantes, fazemos também recurso ao grifo em algumas passagens, para enfatizar aspectos que chamam a atenção e que podem constituir elementos importantes para a reflexão acerca das ações a serem desenvolvidas.

Aproximação com o curso - um dos interesses da pesquisa estava em compreender como se deu a aproximação com o curso e o interesse em seguir a carreira da docência no âmbito da disciplina escolar Ciências nos anos finais do ensino fundamental. Como destacado, os cursos de LCN surgiram com maior expressividade nas universidades brasileiras no final dos anos 1990 e no início dos anos 2000, assim, buscamos mapear como se deu o despertar do interesse pelo curso e o conhecimento acerca dessa oferta e do campus de Planaltina em especial. As falas dos participantes relevam certo desconhecimento tanto sobre a existência da FUP como sobre o próprio curso. Como buscamos evidenciar a seguir, não é raro que os estudantes só conheçam o curso no momento da inscrição nos processos seletivos. É frequente também que eles venham a conhecer a LCN, bem como outros cursos ofertados pela FUP, por intermédio de outras pessoas que já estudaram na unidade.

Eu conheci o curso pelo meu namorado na verdade, mas **durante toda a minha carreira na escola, e era uma escola focada no Enem, e eu nunca tinha ouvido falar do curso.** Eu fazia Biologia, só que eu queria ir para um lugar distante porque eu queria sair de casa, então eu comecei a pesquisar cursos que eram mais distantes de onde eu morava. **E, com muita pesquisa, muita pesquisa mesmo - tanto eu como ele [namorado].** Então ele falou desse curso e como já era uma área que eu fazia ali, a parte da biologia, eu li a ementa do curso e pensei: 'muito legal!'. Tem várias áreas e eu gosto muito de várias áreas, então eu conheci por isso, com muita pesquisa. **Mas, assim, vindo de um colégio que ficava muito nisso eu nunca tinha ouvido falar do curso, nem de CN, nem de GEAGRO e nem de GAM. Só fiquei sabendo por que eu tive que procurar mesmo.** Não é como qualquer outro curso, como artes cênicas, que a gente já ouviu falar. Agora esses que tem aqui não. [...] Então foi isso, **tive que pesquisar muito e de fato nunca tinha ouvido falar em nenhum curso que tem na FUP.**

(estudante do 5º semestre)

Eu não sou de Planaltina, moro em Sobradinho e **eu conheci esse curso principalmente pelas minhas primas,** uma delas tem 27 anos e a outra 23, elas fizeram LCN e eu conheci o curso muito por influência delas. Eu também **fiquei muito em dúvida com Ciências Biológicas e Biologia,** mas **o que me chamou muito atenção no curso foi a interdisciplinaridade a gente vê muita física, química e biologia, ver todas essas áreas, aí foi o que me chamou mais atenção.** Eu já tinha até vindo aqui com ela [uma das primas] uma vez visitar, mas eu moro em Sobradinho e **nunca tinha ouvido falar que tinha esse campus aqui em Planaltina, não sabia mesmo,** só por elas que já fizeram.

(estudante do 5º semestre)

Eu confesso que não tinha planos de fazer Ciências Naturais na verdade meu curso dos sonhos era Licenciatura Inglês, Letras Inglês, só que aconteceu **é que eu não sabia que tinha UnB aqui em Planaltina e eu sempre morei aqui. Aí quando surgiu aquele 'Acesso Enem,' que tinha que colocar lá o curso ou a localidade para você ver o curso, aí apareceu Planaltina, aí eu pensei "Ué, tem UnB aqui em Planaltina".** Biologia era uma disciplina que eu gostava muito na minha escola mesmo eu lidava muito bem, aí eu li Ciências Naturais, deve ser Biologia, Ciências, os passarinhos, aí eu pensei, vou entrar. [...] Mas, basicamente

é isso, ***eu descobri que existia uma UnB em Planaltina no momento que eu acessei o site e apareceu Planaltina***, porque antes eu não tinha ouvido falar em lugar nenhum lugar, ***na minha escola não tinha divulgação*** e até passando aqui mesmo ***eu via esse prédio aqui, pensava que era qualquer outra coisa, mas eu não imaginava que era a UnB, uma UnB aqui em Planaltina.***

(estudante do 6º semestre)

Reflexões sobre o despertar para a docência - como foi evidenciado nos trechos acima, a aproximação com o curso se dá pela interface que a LCN tem com outros cursos tradicionais, tais como a Biologia, a Física ou a Química como pela inclinação à docência já apresentada por esses estudantes, mas amplificada à medida que eles progridem no curso. A dificuldade em acessar a linguagem acadêmica e até

Eu já queria licenciatura, não em CN, mas eu queria ser professora de Biologia, enfim, ***quando eu entrei aqui pra FUP [...] eu gostei muito [...] do senso de comunidade, eu gosto muito da relação que existe aqui, aluno-aluno, aluno-professor, eu acho que isso é essencial, eu acho um diferencial da FUP***, e uma coisa que eu gostei bastante, eu vi no segundo semestre que é como a questão docente é trabalhada aqui. Eu também acho que é um diferencial da FUP, ***a docência ela é trabalhada de forma política mesmo, eu acho isso essencial para a formação docente, tem sempre o tentar despertar a questão da reflexão, da criatividade, enfim, vamos formar docentes críticos, reflexivos e que saibam problematizar questões educacionais, sociais.***

Defasagens e dificuldades com a linguagem acadêmica - um aspecto muito marcado nas falas dos estudantes é a pouca familiaridade que eles tinham com o universo acadêmico e as defasagens educacionais decorrentes de trajetórias escolares pouco privilegiadas acabam por resultar em um sentimento de não pertencimento aos ambientes universitários. Como veremos adiante, tais aspectos acabam se relacionando com uma certa insatisfação e podendo até mesmo a levar os estudantes a cogitarem seu desligamento do curso.

Eu acredito que quando você tá numa disciplina onde a partir do momento que você entra na sala e você começa a sentir que todo mundo aqui sabe o que está falando só eu que não, parece que você se sente deslocado ali. ***Uma disciplina que eu tenho sérios problemas de lembrar dela, porque me dá muita dor no coração, porque eu ia todos os dias, eu acho que eu não tive nenhuma falta, mas eu não conseguia entender nada, então você começa a parar de se sentir pertencente àquele local. É como se você não estivesse ali não faria diferença nenhuma pra disciplina, ou pra você, porque você tá ali e não tá entendendo nada.*** Então eu acho que quando você tá numa disciplina e consegue entender de fato o que está acontecendo, isso faz com que você queira permanecer ali, porque está fazendo algo de produtivo.

(estudante de 6º semestre)

Às vezes a gente não se sente pertencente a esse ambiente, tem professores que deixam claro que aqui não é o seu ambiente. Então é bem complicado você escutar que uma criança de 5 anos consegue fazer um cálculo e você não, eu falo isso porque foi uma experiência minha, **esse sentimento é real e fica mais real quando alguém diz na sua cara que você não é pertencente.**

(estudante de 6º semestre)

Mas eu acho que tem um problema e eu não sei se é olhado ou como é olhado e é uma questão sistema. **Muitas pessoas chegam aqui sem conhecimento, eu falo por experiência própria, sem conhecimentos básicos que deveriam ser aprendidos na escola.** Eu falo isso, por exemplo, de Cálculo, eu penei muito, com questões de limite e derivada, eu percebo que são coisas que eu deveria ter aprendido na escola e eu chego aqui e preciso me virar, e é uma coisa que eu vejo que acontece muito. **Eu não sei o que poderia ser feito, mas é um problema, um problema sistêmico, estrutural e não é isolado da pessoa, porque acontece com muitas pessoas e eu acredito que a falta de sensibilidade por parte dos professores está nisso. Você não sabe uma coisa básica, você deveria ter aprendido na escola, mas não foi porque você não quis aprender, às vezes aconteceu algumas coisas você acaba não aprendendo.**

(estudante de 6º semestre)

Reflexões sobre os processos formativos - é comum que os estudantes apresentem reflexões acerca de seus processos formativos tanto em continuidade com suas trajetórias escolares, ressaltando a noção de uma defasagem em relação à formação que tiveram ao longo da educação básica. Nesse sentido, associadas à percepção que essa defasagem traz em relação ao distanciamento que esses sujeitos sentem da linguagem e da realidade acadêmicas, surgem propostas no sentido de que os docentes precisam conhecer as realidades desses estudantes e promover estratégias de ensino que aproximem os estudantes dos aspectos da vida acadêmica, o que inclui pensar em estratégias de nivelamento para que todos tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente nas disciplinas acadêmicas.

A maioria dos alunos da FUP são de escolas públicas, escolas periféricas e nós sabemos quais são as condições de ensino nessas escolas. Então eu acredito que não existe esse olhar e às vezes já presenciei questões de comparação, tipo: "porque o aluno de engenharia...". Mas esses cursos são pessoas que vieram de escolas particulares ou dos grandes centros que receberam uma educação melhor. Então eu acho que precisa olhar essa questão, de talvez eles não tenham essa bagagem, e não é culpa deles, não atribuir a culpa ao aluno, mas a algo estrutural mesmo.

(estudante de 5º semestre)

Porque a parte de educação eu acho que é a parte mais envolvente aqui na FUP no curso de Ciências [...] a gente vê que eles elaboram muito mais, que quer ensinar você a ser professor do zero. Mas **ensinar o conteúdo tem que ser do zero também. [...] Gente, meu terceiro ano do ensino médio foi todo online, na pandemia. Se eu aprendi 20% do que teria sido programado pelo currículo, foi muito,** porque era muito difícil, fora que eu tava também estudando pro Enem, era muito difícil

estudar. Então, eu acho que **deveria ter uma maior atenção a essa parte inicial e que deveria contextualizar tudo de novo**. Tanto que eu acho que tem matérias que são pra isso. Esse é o problema. Tem matérias que são com esse objetivo, mas os professores simplesmente simulam que você já sabe e deixam essa parte de lado e meio que rola isso de "como assim você não sabe disso ainda, você deveria ter aprendido?", meio que pra tirar a responsabilidade de ter que voltar e planejar uma coisa que é bem mais inicial.

(estudante de 5º semestre)

Possibilidade de desistência - além das dificuldades em relação ao universo acadêmico, são listadas outras dificuldades que contribuem para que os estudantes tenham cogitado em algum momento a possibilidade do abandono do curso, entre as mais recorrentes estão as questões socioeconômicas.

A questão socioeconômica [...] pode fazer com que ela opte que a prioridade do momento dela seja continuar na graduação ou ir em busca de um trabalho. E a carga horária vai mudar, a rotina vai mudar e talvez ele não consiga desempenhar da forma que precisa na universidade. Então, ele acaba abrindo mão do curso por isso. [...] Eu acho que as pessoas que precisam optar por trabalhar ao invés de estudar, acabam largando mais a universidade e indo atrás do emprego. ***As questões socioeconômicas pegam um pouco para pessoas que precisam ter prioridade para um emprego, porque precisa se sustentar ou algo do tipo.*** Ainda que a UnB forneça alguns programas que auxiliam bastante e, de fato, conheço pessoas que permaneceram no curso exatamente pelos apoios que a UnB traz, infelizmente, a prioridade da pessoa se torna outra, aí ela acaba abrindo mão da universidade, por exemplo.

(estudante de 7º semestre)

Então eu acho que muitos permanecem por essa **vontade de vencer no futuro** talvez. E, por outro lado, outros saem porque precisam fazer algo para ajudar a família, eu, por exemplo, não ia continuar porque eu precisava ajudar a minha família de alguma forma. Então, ***eu tô tentando aí os auxílios que a UnB oferece para ver se eu consigo de alguma maneira ajudar.***

(estudante de 6º semestre)

E o que faz desistir de desistir - frente a essas dificuldades apresentadas alguns elementos parecem exercer especial importância na permanência dos estudantes na LCN e na FUP. A formação das redes de apoio parece ser um desses elementos. Os estudantes argumentam que, frente às dificuldades colocadas tanto pelo sentimento de não pertencimento, o incentivo dos colegas e a ação voluntária de estudantes mais adiantados no curso no sentido de contribuir com o aprendizado dos colegas mais novos, deram ânimo para seguir em frente e não evadirem do curso.

Eu também cogitei várias vezes em sair da universidade, tirando questões pessoais mesmo, de dentro de casa, de financeiro, de precisar trabalhar. ***Aqui dentro foi justamente esse fato de não sentir pertencente ao local, entendeu? Me senti muito deslocado, eu confesso que muitas vezes eu pensei realmente em sair e o que me manteve foi a força das amigas,*** eu tenho amigas maravilhosas que eu

conheci durante o curso que a gente vai se colocando pra cima. [...] E elas também já cogitaram sair do curso. Mas a gente falava: "não gente, vamos continuar, que lá na frente vai dar certo!"; "vamos segurar a mão um do outro, se você não souber essa disciplina, eu sei eu te ajudo e se não souber essa você me ajuda e a gente vai seguindo!". [...] Eu acho que essa questão da união, amizades aqui dentro é o que me mantém aqui ainda no curso.

(estudante de 6º semestre)

Uma coisa que me ajudou muito nas matérias aqui, como é pouca gente todo mundo se comunica, fica mais fácil de a informação passar. Então, por exemplo, **um veterano que fez a matéria antes que eu, às vezes pode ajudar muito: "faz essa dica aqui"; "estuda com tal coisa"; "não precisa fazer assim, pode ir desse jeito mais fácil". Eu acho que a gente poderia criar um meio, poucas vezes aconteceu nas matérias aqui. Uma pessoa que já fez a matéria e vir conversar e dar algumas dicas. Acho que foi uma vez só que conversou com a gente, esse meio de estudar. [...] Acho que isso foi o que mais me ajudou aqui a ficar seguindo com o curso.**

(estudante de 5º semestre)

Expectativas em relação à atuação profissional – com a permanência e o progresso no curso surgem uma série de expectativas em relação ao exercício da docência e à realidade da educação brasileira.

A questão da atuação docente é uma coisa que pega. Ser professor no Brasil é um ato de resistência! **[Ser] Professor no Brasil é um soco no estômago diariamente. Educação é luta, e eu já me perguntei se eu quero lutar.** Às vezes eu não sei se eu quero lutar, então é o que a [entrevistada] pontuou aqui, **a questão da desvalorização** e ter muito essa concepção de, não vou nem falar 'ser alguém na vida', porque todos nós somos alguém na vida, mas vou fazer faculdade para conseguir estabilidade financeira e **existe essa questão de desvalorização salarial. E o trabalho docente é árduo e não é valorizado como deveria.** Enfim, eu acho que são essas coisas que pesam assim. [...] Acredito isso é o que me faz continuar e querer atuar na área, eu quero muito atuar na área e eu seria uma pessoa muito frustrada se eu não conseguisse e se eu me formasse e fosse trabalhar em outra coisa.

(estudante de 6º semestre)

A LCN como oportunidade para ascensão social – mesmo com as dificuldades que se apresentam para a profissão e a questão da desvalorização do magistério, os estudantes nutrem a expectativa de que a conclusão da graduação represente a possibilidade de que tenham condições melhores de vida.

Eu já estudei em escolas públicas, bastante gente que é aqui da comunidade também. **Eu acho que a gente que é daqui de Planaltina e não tem condições e a gente cria essa ilusão de que o ensino superior é uma chave para você conseguir alguma coisa boa na sua vida,** porque, por exemplo, na minha casa a gente tem nossos empregos, meus pais, mas a gente não vive a vida que sonhamos. Então, **a gente tem a universidade como uma maneira de conseguir alguma coisa na vida.**

(estudante de 5º semestre)

O que gostariam de ver nesse campus – quando confrontados com o esvaziamento da FUP e incitados a pensar outros futuros para o campus eles relatam a percepção do esvaziamento e arriscam algumas medidas que poderiam contribuir para uma maior ocupação desta unidade. Entre tais propostas estão o investimento em estratégias de visibilização do campus por meio da instalação de placas em totens próximos ao e no campus, uma estratégia de comunicação com a comunidade e o retorno no intercampi como ações que possibilitariam uma maior divulgação e consequentemente aumentaria a circulação de pessoas pelo campus.

Eu acho que a coisa que eu mais quero ver nesse campus é pessoas, é o mais importante, eu acho que ajuda até pra quem tá aqui, porque é bom de ter movimento, sabe? [...] Então, assim, eu acho que é um ponto que tem que ser trabalhado. ***Não sei se vocês vão fazer uma pergunta sobre isso, mas eu acho que é um ponto muito importante trazer a comunidade e entender porque eles não estão vindo, sabe?*** porque assim pelo o que eu fiquei sabendo antes da pandemia vinha 30 pessoas, 40 pessoas e, assim, todo semestre pós pandemia vem entrando menos pessoas, porque que esse fenômeno está acontecendo? [...] Então eu acho que entender esse fenômeno é a chave pra muita coisa, porque que as pessoas saem? O que tá acontecendo? [...] ***Então acho eu que falta muita divulgação. É o ponto principal, fazer as pessoas conhecerem sabe, criar projeto, tal dia vocês vão nessa escola, nessa aqui e vai em sobradinho que são aqui mais próximas***. Nós conseguimos divulgar nossos cursos aqui mais próximos? Agora vamos pra fora, mas tem que pensar aqui primeiro, porque é onde estamos mais próximos.

(estudante de 5º semestre)

Outra coisa, existe um recurso que a UnB fornecia que é o *intercampi*, né? ***E a retirada do intercampi fez com que muitas pessoas parassem de frequentar a FUP, porque era uma ligação direta entre os campi***, e, de alguma maneira otimizava. [...] ***Uma pessoa que faz uma matéria no Darcy pode fazer aqui e acabar que se interessando pelo curso [...], porque a galera não conhece muito a FUP e não conhece muito o curso e vai virando uma bola de neve e ninguém vai sabendo nada***. E as pessoas sabiam da FUP exatamente pelo *intercampi*, que era um jeito de vir pra cá direto, era UnB-UnB, [...] até mesmo a gente da FUP ir pro Darcy. ***Eu acho que seria algo que conseguiria atrair mais pessoas, assim se alguém mora longe e tem o intercampi do plano para cá já adiantaria muito para permanecer na FUP***.

(estudante de 7º semestre)

Eu acho que falta a logo da UnB enorme ali no nosso prédio igual tem nos outros, uma placa.

(estudante de 5º semestre)

Grupos focais realizados com docentes

O grupo focal realizado com os docentes da LCN teve por foco os membros que atuam no Núcleo Docente Estruturante dos cursos diurno e noturno. O encontro se deu de forma presencial, contou com a participação de 6 docentes e girou em torno das questões anunciadas no edital.

Ao ser confrontado com os indicadores do curso o grupo de professores de CN pareceu dar ênfase em justificativas externas à FUP para as taxas de entrada de de evasão do curso. Ainda que tais razões externas sejam reais, elas carregam outros sentidos quando levantadas pelos atores locais. Ao enfatizarmos a análise estrutural da educação superior, acaba-se por dar pouca visibilidade a certos aspectos que se localizam em nível local como os que apareceram nas falas dos estudantes, por exemplo. A seguir, sumarizamos as principais impressões em três conjuntos: a ênfase nas variáveis externas; as políticas para o curso; e, as propostas apresentadas.

Ênfase nas variáveis externas - ligadas à baixa atratividade das carreiras docentes, ao desconhecimento do curso pela comunidade e no âmbito da própria UnB e à localização do campus.

Isso tem a ver com o que aquele estudante falou no dia da apresentação, ***a pessoa entra aqui já não querendo isso aqui, tem vários motivos pra ele não querer, um deles é que ele nem sabe o que é isso aqui, ele não sabe o que é ciências naturais***, ele entra achando que, e a maioria das pessoas acham que é sinônimo de ecologia, biologia, aí o cara olha e pergunta “o que é isso aqui?”

(Participante 3)

Você tem vários fatores: ***a cidade de periferia, em um campus de periferia, um curso periférico, soma tudo***, você tem uma crise e a primeira a levar pancada é a beirada, é o primeiro que sai do meio.

(Participante 1)

Mas tem que somar essa grande evasão acho eu, ***também o problema da própria licenciatura, você vai em qualquer sala de aula, de qualquer escola, de qualquer nível sócioeconômico e pergunta quem quer ser professor e se levantarem duas pessoas numa sala de 50 já é muito, no Brasil ninguém quer ser professor***.

(Participante 3)

Eu já participei de reuniões do CEPE, ou seja, dentro da UnB, que ***a UnB não sabe que esse curso existe***, à ponto de ter escutado dentro da reunião do CEPE e como vai ter profissionais de ciências naturais se não existe essa formação? Como que não existe? [...] ***Quando a gente não tem, dentro da nossa universidade, o reconhecimento da nossa própria existência é muito mais difícil saber. Então, ou seja, a gente tem que gritar, nós existimos, esse profissional que você tá falando que não existe, ele existe***.

(Participante 1)

Políticas para o curso – de uma forma geral as falas dos docentes giraram em torno de dois eixos: políticas de permanência, sobretudo pensando no perfil socioeconômico dos estudantes que ingressam no curso, e as políticas de reconhecimento da carreira e de valorização da docência.

Se a gente tem as pessoas que organizam os ***concursos*** e elas têm essa liberdade de colocar o perfil do profissional que vai aí, a gente toda vez que sai no concurso o Professor X mesmo, que foi coordenador sempre coloca, “ó, não abriu de novo pra ciências naturais”. Aí a gente entra com pedido e ***muitas vezes não insere esse profissional*** [...] As diretrizes curriculares nacionais pro nosso curso, que já tem 17 anos.

A grande maioria e até hoje não tem isso também, pode ser uma grande desvalorização também, dentro da desvalorização docente que a gente tem, mais essa que pesa um pouco mais.

(Participante 4)

Agora a universidade vai assumir um papel de inclusão? Se ela não vai, então ela vai fazer um outro movimento, não é nesse momento que a gente vai ficar discutindo se põe, nós vamos deixar entrar e nós vamos cuidar aqui dentro? Vamos cuidar aqui dentro, desde que a gente tenha sustentabilidade do governo federal. Quer dizer, o problema de bolsa, não foi pra UnB e nem de recurso, foi nos últimos 5 anos, 6 anos, antes disso não tínhamos problema, a gente tinha uma verba aluno MEC, foi cortada. Então, para cada aluno pobre que eu punha aqui o MEC entrava com dinheiro para eu sustentar ele.

(Participante 5)

Mas no meu ponto de vista eu acho que eles já merecem um salário, porque se a gente for falar de qualidade, quantos médicos a gente tem formados aí que, né? Então eu vejo até no sentido contrário mesmo, ***vamos valorizar porque quem já tá no trabalho já merece e se talvez historicamente tenha tido essa desvalorização docente, foi uma relação de deixar o professor um profissional que foi proletarização, então foi diminuindo o salário, aumentando a carga de aula e ele foi se profissionalizando menos***, então eu acho que o aumento do salário, eu acho que a diferença seria justo agora.

(Participante 4)

O que eu tô querendo te dizer é que ***a gente vai ter que colocar a UnB, vai ter que fazer essas análises e pensar em estratégias de saída não como uma se nós estivéssemos falando de uma universidade de 10 anos atrás, mas de uma universidade que, agora, sofre as consequências de uma política pública que fez com que esse outro grupo chegasse dentro da universidade***, entendeu? Agora, por outro lado, tem isso, tem a ampliação, existe sim uma ampliação do número de vagas que vem com a história do... outra coisa que é interessante comparar, como tá o noturno no Darcy e como tá o noturno aqui? Porque eu consigo entrar e sair do Darcy à noite, eu trabalho o dia inteiro, tá?

(Participante 5)

Algumas propostas

Aí você tem, qual a conversa que a gente pode ter com outros cursos? Com essa ideia da ***segunda licenciatura a ideia que eu falo da segunda licenciatura é para demandar justamente uma formação personificada, pra quem é formado em física, mas aí pra isso a gente tem que ter uma confirmação assim, eu tô formando licenciado em física e em CN será possível ele com mais um ano e meio, dois anos, ter licenciatura em física?*** Lá no Darcy Ribeiro, não aqui, ***ter uma licenciatura em química/biologia***, lá no Darcy, não aqui, mas toda a parte pedagógica e essas coisas, ele já teve, e ele vai ter agora demandas específicas daquele curso, mas agora você vai ter que ter uma conversa junto com outros cursos. ***Então é eu chegar e falar assim, ó, Instituto de Física, nós temos um grupo de alunos aqui diferenciado que pode***

entrar no seu curso e dar um diferencial diferente. Assim como a gente tem uma oferta aqui com um aluno seu que tem um perfil mais generalista em física que queira ter esse conhecimento mais generalista, abrir uma parceria com a Física e a Biologia, essa conversa a gente nunca teve com o IB, IQ, e IF, eu tô falando pra área de exatas, até mesmo de matemática.

(Participante 1)

Bom, eu acho que, bom primeiro é isso mesmo, **o noturno não foi proposta da FUP, o noturno veio por condicionante do REUNI**, que até hoje não sei como Gama e Ceilândia driblaram o processo, mas eles driblaram porque isso era pacto com o MEC.

Então, assim, realmente **é muito mais fácil “fechar o noturno”, no entanto fechar o noturno é se render ao sistema, manter o noturno implica de fato em alguns outros compromissos que está para além do campus, é o quanto a gestão superior quer se envolver em problemas distritais, que é transporte e segurança, e isso também tá além do campus de Planaltina e da própria UnB.** O intercampi resolve em parte, mas ele também não resolve nosso problema porque é impossível que o aluno que trabalha de dia, esteja estudando neste campus à noite, ele não consegue chegar às 19hrs e não consegue sair às 22:30/22:40 (...)

(Participante 5)

Grupos focais realizados com egressos

A etapa de realização dos grupos focais com egressos foi precedida pela divulgação de um questionário para uma lista de e-mails obtida com a coordenação do curso. Nesses questionário, além de buscarmos identificar o ano de formatura de cada respondentes, também obetivemos respostas acerca da motivação pela escolha da FUP e do cuso de LCN em especial. Foram obtidas 75 respostas aos questionários.

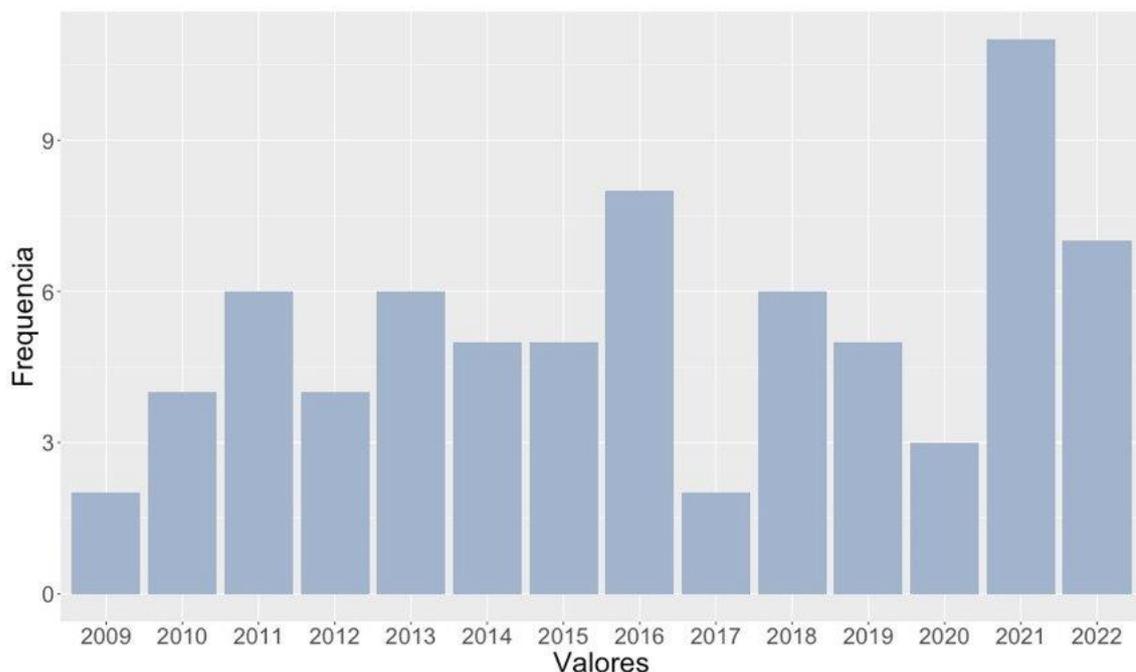


Figura 8 – Ano de formatura dos respondentes de LCN.

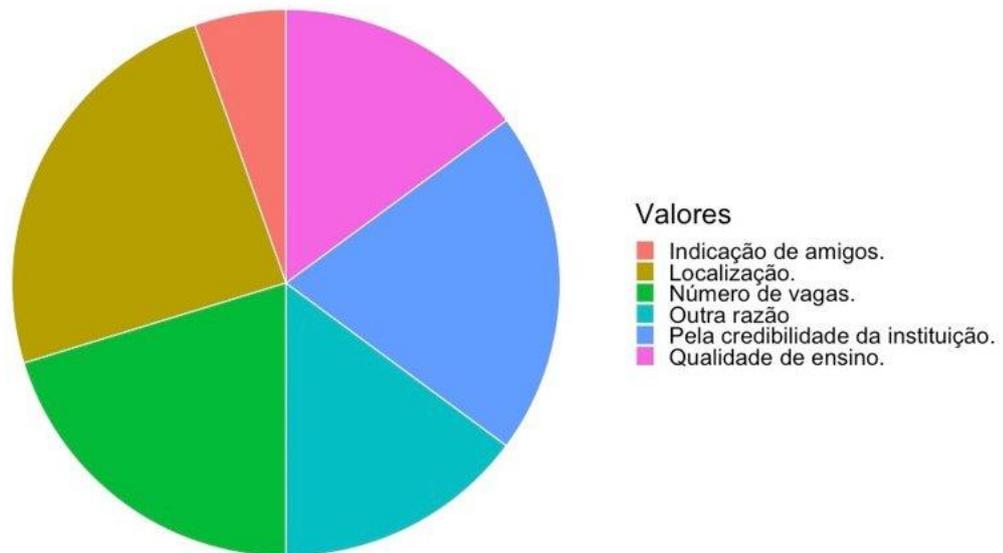


Figura 9 – Motivação para escolha da FUP dos respondentes de LCN.

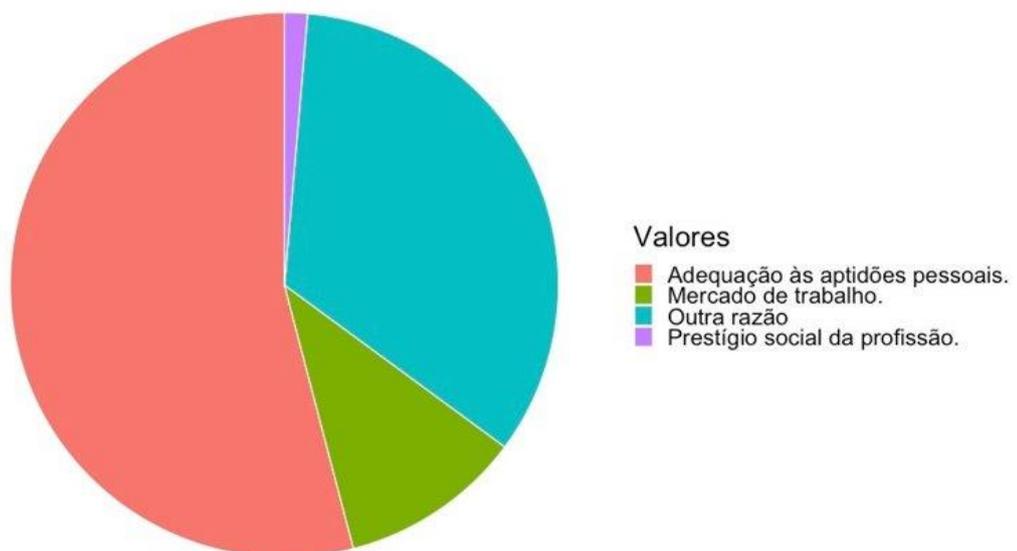


Figura 10 – Motivação para fazer o curso de LCN dos respondentes de LCN.

Dos 75 respondentes dos questionários, 10 foram os que participaram dos grupos focais. A seguir, apresentamos os principais apontamentos que permitem responder às questões formuladas pelo edital.

Trajetória pós FUP – quando solicitados a contar sobre suas trajetórias profissionais as falas dos egressos revelaram que a docência nas escolas da educação básica e o seguimento da carreira acadêmica constituem-se nas duas principais vias após a conclusão do curso. A esses caminhos se somam outros que não estão necessariamente relacionados com a educação formal ou com a área de formação nas Ciências Naturais, como é possível observar adiante.

Docência

Bom, desde que eu saí de lá, eu entrei na Secretaria de Educação, primeiramente como professor temporário, e aí no ano de 2019 eu fui nomeado professor efetivo, e continuo como professor efetivo na Secretaria de Educação.

Sou professor de escolas particulares também, dou aula em duas instituições bastante antigas de Brasília, trabalhei em uma escola particular com o colega, tivemos essa oportunidade de ser colegas de trabalho lá, e fiz, tive a experiência do mestrado também com o outro colega, e vivenciamos essa experiência lá.

Então, assim, tem, eu tô, eu formei em 2009, ali pra 2010, assim que eu formei. Antes de graduar, antes da graduação, eu já tava entrando no mestrado, no programa de ensino de ciências, na época era ensino de ciências, ainda, e aí deu uma modificada agora, né? juntou-se o mestrado com o doutorado, e aí eu entrei no mestrado

Acadêmica

Eu tenho 30 anos, eu me formei em 2014, e atualmente eu estou fazendo um mestrado em botânica, pela UnB, e uma segunda graduação em biotecnologia.

De toda forma, acho que é isso que você perguntou, o que a gente trilhou, e desde então estou atuando, depois fiz outra graduação também, fiz biologia, então hoje sou professor de Ciências e Biologia, e acho que é isso, desde que eu formei estou em sala de aula.

Daí eu fiquei esses três meses, saí, resolvi fazer uma outra graduação, tipo, fiz uma complementação na pedagogia.

Outras

E depois eu consegui, por indicação, uma vaga no Planetário de Brasília, que eu também participei do Escola nas Estrelas.

Mas, assim, eu vivo nessa coisa da arte, em paralelo com o estudo para concurso, e aí isso meio que atrapalha a minha trajetória, né, de encontrar uma profissão assim, mais certinha.

E é isso aí, fiquei um tempo trabalhando com ilustração

Carências Formativas – foram enunciadas algumas lacunas formativas presentes no curso de LCN, algumas delas que já se fazem sentir na formação ofertada atualmente outras que permanecem ainda pouco exploradas no âmbito da formação.

Eu acho que não supriu todas as lacunas do curso, e eu fico pensando também, assim, **eu acho que o professor da faculdade, ele não reflete o profissional que ele quer ensinar**, que a gente seja lá dentro da escola.

Igual a essa metodologia investigativa, quando eu fiz o curso Ciência 10, eu achei ótimo, **porque teve uma coisa que eu não vi dentro da universidade, porque as minhas práticas laboratoriais eram tradicionais**, eu não sei

se foi a colega que falou da questão que ela queria ver outras coisas no microscópio, não era isso?

Eu já falei, mas eu vou repetir, porque faz parte da pergunta que você fez de o que eu gostaria que mudasse e é o que o colega, por exemplo, já falou aqui, que está faltando, e muitas outras pessoas, e **está faltando a gente aprender na prática como aplicar essas metodologias inovadoras**.

E assim, a gente tem é uma parte assim que me toca bastante, porque eu sou uma pessoa neurodivergente da **área de altas habilidades e superdotação**, e assim, **eu tive que buscar por fora, fui buscar me especializar no assunto, entender, fazer cursos, para que eu conseguisse lidar**, porque em todas as turmas a gente tem alunos com TDAH, a gente tem alunos autistas, a gente tem alunos com deficiência intelectual.

Desilusão com a profissão - em consonância com as expectativas enunciadas pelos estudantes, os egressos também chegam a relatar uma espécie de desilusão com a carreira.

Então, **você sai muito exausto, são várias coisas que você vai tendo e aí eu fico me perguntando se vale a pena continuar onde eu estou**.

Então, isso foi assim, e também, assim, **fora a gente fala muito da desvalorização, né, e a gente vai vendo que a carreira tá bem sucateada, né, e aí eu fico me perguntando, assim, se eu quero isso pra vida toda ou se eu quero parar por aqui**.

Devido, assim, você vai vendo que eu gosto muito da área de educação, sou apaixonada, mas ao mesmo tempo, **tem tantas outras coisas que envolvem a educ**

ação, que não é só dar aula, né, e aí com o tempo a gente vai perdendo aquele encanto, assim.

Inserção no mercado de trabalho – a discussão sobre as políticas de reconhecimento da carreira proporcionada pelo curso de LCN também aparece nas falas dos egressos, o que converge com os depoimentos tanto dos estudantes como dos docentes do curso.

Primeiro, que eu ***acho que o mercado de trabalho não está preparado para nos receber porque eles, até hoje, não conseguem entender, na verdade, o que seria essa formação em ciências naturais.***

Muitas vezes falta inteligência, muitas vezes falta vontade, muitas vezes tem interesses políticos por trás que barram as coisas, e faz com que, *para você conseguir ser nomeado, para você conseguir ser chamado no temporário, tem que ter um movimento, tem que ter uma luta muito grande, sendo que é algo que, se realmente fosse feito da forma que deveria ser feito, cara, isso não falta, não falta oportunidade.*

Para que a ***ciência natural pudesse realmente ser reconhecida nos editais,*** que pudesse ser visto como uma habilitação realmente válida.

Um ponto que eu ia comentar, a colega comentou, que é exatamente essa ***dificuldade muitas vezes de ser reconhecido mesmo como uma graduação que te habilita para concorrer a cargos,*** por exemplo.

Informações dos Egressos de CN no mercado de trabalho

Os dados a seguir foram retirados do Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS (2020) e com base neles podemos analisar a situação de uma parcela nos egressos no mercado de trabalho.

Na Tabela 1 notamos que a maior parte dos egressos está na administração pública, defesa e seguridade social. Nas figuras 4 observamos a distribuição da remuneração mensal dos egressos e na Figura 5 podemos observar que quanto maior o tempo de formado, maior a renda salarial.

CNAE CLASSE 2.0	REMUNERAÇÃO FORMADOS	QTD.	DP	CV
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	R\$ 5.355,96	240	R\$ 2.234,77	0,42
Educação	R\$ 3.092,59	39	R\$ 2.855,69	0,92

Saúde Humana e Serviços Sociais	R\$ 2.243,16	10	R\$ 1.791,61	0,80
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	R\$ 1.589,90	8	R\$ 1.136,66	0,71
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	R\$ 5.973,17	6	R\$ 3.613,30	0,60
Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	R\$ 651,11	4	R\$ 1.137,27	1,75
Alojamento e Alimentação	R\$ 756,69	3	R\$ 720,70	0,95
Outras Atividades de Serviços	R\$ 965,55	3	R\$ 230,54	0,24
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	R\$ 213,27	2	R\$ 0,83	0,00
Informação e Comunicação	R\$ 759,07	2	R\$ 219,83	0,29

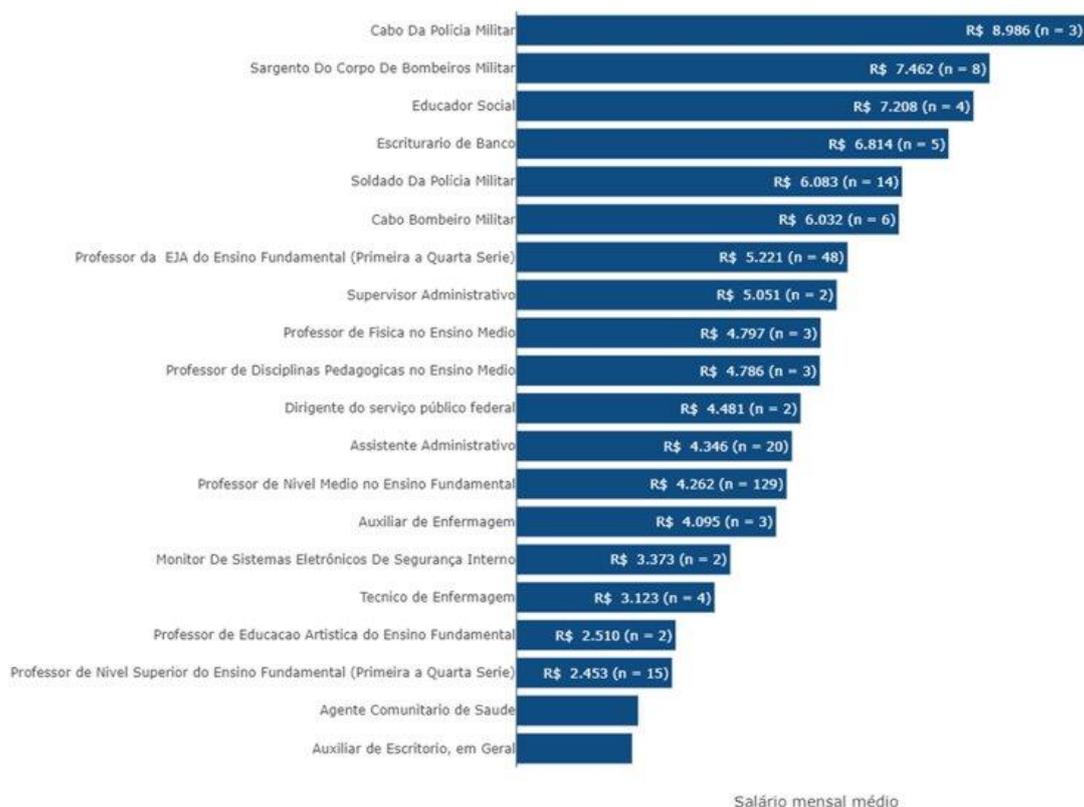


Figura 11: Distribuição da remuneração mensal média dos formados em Licenciatura em Ciências Naturais por profissão.

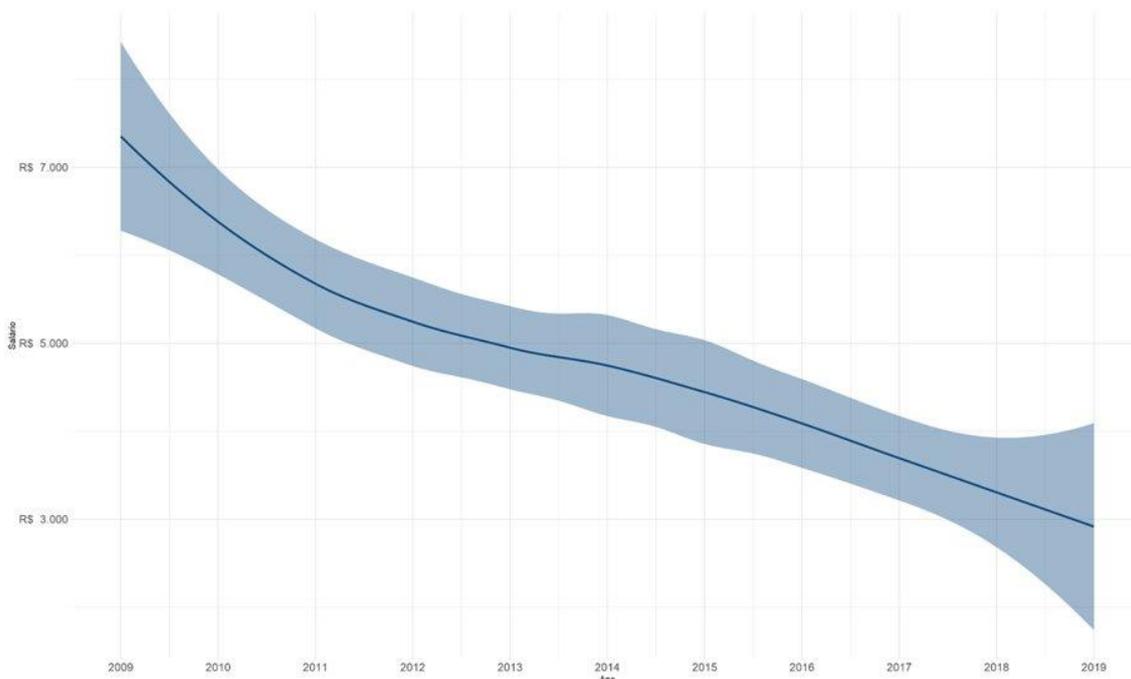


Figura 12: Distribuição da remuneração mensal média dos formados em Licenciatura em Ciências Naturais por ano de saída

(II) Licenciatura em Educação do Campo

O contato com os estudantes da LEDOC é mais complexo que o das licenciaturas, pois devido ao sistema de alternância entre a universidade e comunidade, temos geralmente apenas uma turma/semestres por período. Sendo assim, o grupo de estudantes que participou do grupo focal era composto por 12 estudantes do 4o. Semestre. O grupo focal de egressos da LEDOC não foi constituído, apesar do esforço de comunicação com mais de 100 estudantes, apenas 1 retornou com interesse de participar do GF. Esse resultado chama a atenção que a comunicação com esses estudantes é limitada e pode comprometer o processo formativo bem como o acompanhamento dos egressos.

Grupo Focal Estudantes LEDOC

Segundo os estudantes participantes do GF a aproximação com o curso vem muito do contato com familiares ou amigos que cursam ou já cursaram o curso, ou até mesmo pelas oportunidades que o curso oferecia, como podemos observar relatos abaixo:

“Já [conhecia a Ledoc e a FUP] porque minha mãe e várias pessoas da minha cidade já vieram, minha prima, muita gente aí também. Claro que a gente já sabia que o curso era muito bom, mas o fator de ter um apoio foi um dos principais.”

“Então, eu escolhi esse curso porque tem muito a ver com a minha comunidade e também porque eu gostava bastante de matemática, tinha

vários professores formados aqui que deram aula para mim e eu me incentivei também a fazer o curso para que eu possa estar passando conhecimento para outras pessoas que necessitam aprender a matemática e dentro da realidade do campo.”

“Eu entrei porque a Ledoc era o único curso que oferecia uma condição para a gente vir, né? Tem a ciranda, tem os alojamentos, então, a princípio, foi por isso. Depois a gente foi pegando uma paixão pelo curso, mas era o curso que dava oportunidade de quem vem do campo estudar aqui, sem precisar abandonar a comunidade.”

O curso se propõe a formar licenciandos em três habilitações a escolher: Ciências da Natureza, Matemática e Linguagens. Os estudantes reconhecem a qualidade dos professores, mas indicam a necessidade ajustes que podem comprometer sua formação:

“Então, os professores né? A gente chega aqui os professores assim, renomados e tal, aquela coisa toda, mas aí quando eles vão dar aula a gente não entende nada. Assim, as matérias são muito difíceis, o conteúdo que eles passam é muito complicado e às vezes o professor não tem a delicadeza de realmente perguntar se a gente tá entendendo o conteúdo ou não, ter aquela empatia mesmo de ver que o aluno não tá aprendendo, de olhar e ver que o aluno não tá aprendendo. Então eu tô aqui e tá tudo bem, segue o bonde e deixa a gente ora trás.”

“Um ponto negativo, a gente às vezes sente falta de uma linguagem mais inclusiva em relação às palavras mesmo, são textos muito complexos pra gente interpretar. Claro que a gente tá se formando educador, a gente tem que ter um nível mais de complexidade, mas às vezes essa linguagem não se comunica direito com a gente que veio do campo... Não que a gente que veio do campo não é capaz de interpretar, mas é uma linguagem que nunca foi vista, não foi vista no ensino fundamental, no ensino médio, aí chega aqui é muito complexo, a gente não acha uma linguagem acessível.”

“[...] mas tem assim os pontos positivos e negativos, né?; que é trabalhar em coletividade isso é um ponto complicado.”

Os estudantes destacam alguns pontos que podem comprometer a permanência deles no curso, principalmente relacionados a infraestrutura oferecida e os auxílios permanência:

“Então, eu não estou ficando no alojamento porque eu acabei tendo que me mudar para cá. Mas eu faço as refeições aqui, já que eu passo o dia aqui. É lanche o almoço e raramente a janta. Mas a questão da alimentação a gente vê que é uma alimentação muito industrializada e alguns colegas já falaram que se sentiram mal e, às vezes, acaba que

é uma parte importante. Porque alimentação é uma coisa séria pra gente, aí chega na hora do almoço e tem dia que a gente não tem muito apetite, por várias questões, por falta de tempero, não de variedade, mas eu não sei, falta algo né? A gente se sente empapuçado às vezes."

"Então eu já fico no alojamento, né? Alguns problemas lá em questão, a gente já vem da nossa comunidade e já fica aqui, um lugar que a gente não conhece todo mundo, a gente divide quarto com pessoas que a gente não conhece, está convivendo, né? com essas pessoas. Além da energia e tudo dentro do quarto tem a questão da estrutura, né? Quando chove molha mais dentro do que fora, a estrutura do quarto é mal organizada, poderia ter mais quartos para poder dividir, porque tem quarto que fica muita gente e quarto que fica poucos. Isolamento é muito ruim. E também a questão da comida aqui da FUP, tudo. A gente passa mal com a comida, a comida não tem cheiro, não tem gosto, mas é o que tem pra gente comer e se a gente não comer a gente fica com fome, essa questão tem que ser melhorada. A questão também de ônibus, só passa ônibus lá em cima, aqui é de vez em nunca. Poderia. E a gente tem que andar muito pra pegar ônibus aqui. Poderia ser mais perto, ia facilitar a vida."

"Eu acredito que pra gente estudante é a quantidade de bolsa, eu acho que deveria ter mais bolsa. Você viu que a maioria aqui da sala não tem acesso a bolsa simplesmente pela demora, se inscreve e por conta de uma documentação ele não é aprovado."

Quanto a permanecer ou não no curso, os estudantes indicam pontos de atenção que devem ser levados em consideração pela coordenação do curso e gestores da unidade acadêmica, como a superficialidade de alguns conteúdos e o sistema de alternância:

"Sim já pensei em desistir do curso, algumas vezes, assim várias. justamente por essa questão de conteúdos mesmo, muito rasos na minha área de formação, eu sei que eu posso estudar por fora e fazer uma segunda graduação no futuro, mas eu as vezes sinto que eu tô perdendo tempo. Então já pensei sim em sair, não saí por dificuldade mesmo, falta... dificuldade de acesso a outros cursos, porque eu moro na comunidade, enfim, então eu tô aqui. "

"A questão da dificuldade de trabalhar também, mesmo o curso tendo essa alternância, sair daqui... Porque as aulas tem essa de o dia todo e se manter, porque querendo ou não só a bolsa que é ofertada não dá pra viver o mês todinho e a gente tem essa dificuldade, a gente precisa trabalhar mesmo. Sair daqui pra trabalhar, ou então... Os professores não têm uma empatia, essas coisas."

"Eu já pensei sim muito em desistir, só não desisti por não ter outro curso para fazer porque senão eu já teria desistido, por ser bem fraco o curso."

Quanto à atuação profissional após formados, os estudantes demonstram uma certa apreensão, pois temem a superficialidade que algumas temáticas são tratadas e podem fazer falta no seu futuro como profissional:

“Eu gosto do curso, eu entrei aqui sem saber se eu queria ou não. Eu me sinto bem no curso, porém eu acho que o curso ao mesmo tempo que ele é bom, ele é raso. Porque na minha área não entendi nada sobre português, porque não tem nem matéria sendo ofertada.”

“E nas salas de aulas deveria os professores, o ensino deveria aprofundar mais na nossa habilitação, porque eu sou de Ciências, eu aprendi muitas coisas de Ciências até então, mas eu acho que deveria aprofundar mais. Porque tem algumas matérias que, pra gente das ciências, não vai fazer muito diferença lá na frente. Mas tem algumas que sim, mas mesmo assim eu acho o conteúdo raso, por isso eu acho que dentro da sala de aula poderia aprofundar mais em cada habilitação.”

“É, eu entrei aqui já pensando em ser professora e assim, tem pontos muito bons no curso. É um curso muito político, trabalha com nosso senso crítico. Mas eu fiquei um pouco decepcionada, justamente por causa do que as outras pessoas falaram. É muito rasa a área de conhecimento. A minha área é Linguagem e eu não estou estudando nada de linguagens. Só núcleo básico. Estou na metade do curso e não estudei nada ainda de linguagens. Nem plano de aula eu sei fazer ainda. Nessa parte aí, eu estou decepcionada. Mas o curso é muito bom no geral. E em relação ao futuro, não sei, se eu quero voltar pra minha comunidade para dar aula, assim eu vou deixar o futuro decidir.”

Os estudantes reconhecem a Ledoc como a oportunidade de acessarem o ensino superior, mesmo com as dificuldades e não identificação com a docência:

“A Ledoc é a melhor oportunidade para as pessoas camponesas ingressarem na UnB, que é uma das melhores universidades do Brasil. A gente entra aqui, a gente tem uma consciência política muito boa e eu entendo que nem todo mundo quer ser educador. A gente não quer ficar naquela de que a única opção pra gente é virar professor, porque nem todo mundo tem vocação para ser professor. Mas eu entendo que aqui é um lugar que a gente vai se preparar para se posicionar, para que, futuramente, criem-se cursos voltados para o campo, mas de diferentes modalidades, né? Por exemplo, medicina voltada pro campo, advocacia e tantas outras áreas voltadas pro campo, porque a gente quer a oportunidade de vir estudar sem deixar a nossa comunidade, que é muito importante pra gente.”

“Então eu penso em desistir todo dia, pra ser realista, eu entrei sabendo que eu ia ser professor, mas eu já entrei com uma pergunta na minha cabeça: se eu vou dar aula, se eu vou ser professora?; e eu já tinha uma

resposta em mente, que era não. Aí pela necessidade de eu não estar fazendo nada, nada que eu digo estudando em uma faculdade e tal, e pela oportunidade, eu falei: eu vou. Mas eu já sabia que eu não queria ser professora e qualquer momento, qualquer coisinha ia me fazer pensar em desistir. Mas sabe por que eu quero continuar aqui? Porque eu acredito que a formação é boa apesar de ser muito rasa. Só que a gente tem esse incentivo de continuar pelos professores, porque muitos professores falam muitas coisas que a gente até admira. Como a professora Eliene, ela fala umas coisas que a gente fica até pensando profundamente. Então o que me incentiva não é nem por eu mesmo, é pelo o que os professores dizem. Eu acho que eu acredito que eu posso não dar aula de fato, mas eu posso ser alguma coisa da educação, trabalhar com a educação.”

Grupo focal Docentes Ledoc

Os professores que atuam na Ledoc geralmente são exclusivos do curso devido ao sistema de alternância. A maioria está no curso há mais de 5 anos, sendo que muitos participam do curso desde as primeiras turmas. O GF de docentes da Ledoc foi realizado de forma remota, com a participação de 4 professores.

Como foi relatado acima, o curso da Ledoc nasce por uma demanda social específica, formar educadores do e no campo. Com isso algumas particularidades diferenciam essa licenciatura das demais, mas a mais marcante sem dúvida é o perfil do estudante:

“A gente dentro da LEdoC, a gente sempre teve um... um público alvo, né? Então assim, a gente sempre teve um público que a gente direcionou o curso porque a origem do curso foi uma luta, inclusive os movimentos sociais. E a criação do curso, ela foi sendo gradual. Então no início a gente tinha só 4 universidades que tinham um projeto piloto para implementação desse curso. E desde o início, tanto a UnB quanto as outras universidades, elas direcionaram as vagas pra um público específico. Então a gente tem um vestibular específico.”

“E aí quando eu falo que o perfil foi sendo um pouco modificado porque as primeiras turmas tinham muitos estudantes que vinham de movimento sociais e ela foi se desenhando pra turmas... cada turma tem sua especificidade né? Mas a gente tem turmas, inclusive, que tem uma grande maioria de estudantes calunga, que vem da região alí de Alto Paraíso, Cavalcante. Mais norte goiano. Então cada turma, como ela tem um desenho... às vezes, ela tem um perfil diferente. Então, esses estudantes que tem mais origem calunga, eles passam a conhecer os movimentos sociais na universidade. Nem todos são engajados nesses outros movimentos. E sim nessa parte da tradição e na tentativa de preservar a cultura calunga né. Então, a gente tem também... E aí, as questões vão mudando. Como os desenhos das turmas vão mudando, as questões vão mudando. As demandas vão mudando, as necessidades

dos estudantes vão mudando de acordo com esse perfil que vai mudando.”

“Acho que o curso, ele hoje responde por uma presença muito grande da diversidade dentro da Universidade de Brasília, porque os estudantes do campo, eles não só são da classe trabalhadora, como muitos são negros, e hoje, a gente teve, em relação ao começo do curso, e eu peguei essa transição, as primeiras turmas eram, sobretudo, de militantes sociais do campo né, então do MST né, e de outros movimentos mais locais. Com o tempo, a gente foi tendo, na verdade, um ingresso muito massivo, e que foi uma decisão política da própria comunidade calunga, de ocupar este curso. Então nós passamos a ter a presença massiva de povos e territórios tradicionais dentro do nosso curso né.”

Esse perfil de ingressante na universidade requer um cuidado por parte da gestão superior para possibilitar o acesso e a permanência do estudante no curso:

“E a gente tem, dentro do nosso público, muitos estudantes que são de... A grande maioria né... Que estão em situação vulnerável né. E que a gente precisa também de cadastros. Tem que ser sempre feito no DAC pra poder viabilizar a bolsa permanência pra esses estudantes pra que eles consigam fazer o curso, porque sem a bolsa, a maioria deles, assim, vai evadir. Não consegue conciliar o curso com o trabalho e com a presença na universidade, porque o curso tem alternância, então eles têm que vir e ficar 2 meses aqui, depois volta pra comunidade, fica o resto do semestre na comunidade, e em alternância. Então sem a viabilidade de bolsas, a grande maioria não conseguiria fazer o curso.”

“E no tempo comunidade, os estudantes retornam pra suas casas, pros seus territórios, pras suas comunidades, pros seus trabalhos, e isso, eu acho que é uma coisa que viabiliza muito a presença dessas pessoas dentro da universidade, na perspectiva que essas pessoas não tem que renunciar a vida no campo, porque a vida no campo não existe sem ter pessoas que as pessoas estejam ali, sem esses trabalhadores, sem um modo de vida e um conhecimento né, que vem dali e que volta, e que precisa desse intercâmbio direto (...) as bolsas, elas fazem parte. A política assistencial é parte da política educacional né, no nosso caso, e fica muito difícil de dissociar uma coisa da outra, porque são estudantes que precisam né, por serem da classe trabalhadora né, por viverem ali no limite às vezes da renda, essa bolsa... A educação, o princípio educativo, ele tá junto, ele caminha junto com o princípio de gerar condições financeiras e materiais para que a educação se realize dentro da universidade pública.”

“Eu queria só complementar assim que a gente tem muitos desafios da nossa estrutura pra universidade entender que é uma estrutura diferente, mas a gente teve alguns avanços na estrutura administrativa porque a gente tinha todo o curso baseado em editais, inclusive em relação as bolsas, ao alojamento, e essa parte a universidade, a gente conseguiu a partir de muita disputa e luta, que a gente tivesse o alojamento, que a universidade se responsabilizasse pelo alojamento e também que essas

bolsas viessem do sistema da universidade, [...] já foi um grande passo pra universidade absorver a estrutura da LEdoC [...]. Porque eu falo isso porque eu fui estudante que tive suporte do DAC ne, das bolsas e tudo, do alojamento da CEU e tudo, e eu sei que o estudante que precisa desse suporte para estar aqui sem ele, ele não tá, e a grande maioria dos nossos estudantes, sem esse suporte não estariam.”

Esse perfil ainda gera outros desafios formativos, como a interculturalidade e os diferentes letramentos:

“E assim, eu colocaria como uma questão de desafio, essa questão da interculturalidade, porque no fundo é isso né? Ainda que dentro da criação do curso esse termo não estivesse presente, é um termo que eu uso muito porque eu trabalho com comunicação intercultural, mas existe a convivência de outras culturas dentro do território educativo da universidade. Então você tem uma universidade que antes das políticas do REUNI né, que tinha um certo perfil né, um certo recorte de renda, de moradia certo? E de repente você amplia. E essa pluralidade, ela gera uma universidade colorida, democrática, uma universidade plural, a diversas epistemologias, mas isso também não se dá né, sem os embates, sem os conflitos, na verdade, que a diversidade gera.”

“Agora a gente tem 60 vagas né, sendo ofertadas anualmente no nosso vestibular, e no último vestibular que foi feito no ano passado, o quê que nós fizemos? Houve um esforço muito grande da comissão do vestibular em criar grupos do whatsapp pra poder assessorar os estudantes, os candidatos né, que estavam ali querendo fazer a inscrição, porque nós temos uma grande questão que é o letramento digital dos nossos estudantes da LEdoC, que muitos não sabem como enviar uma documentação no site. (...) Acho que isso foi fundamental pra gente conseguir preencher o número de vagas. Foi bem desgastante, mas deu certo né, porque a comissão do vestibular também se reunia pra avaliar a documentação dos estudantes pra gente não fugir do nosso público né, porque no edital do vestibular, nós sempre temos quais são as localidades atendidas pelo curso né.”

“Porque são estudantes que chegam com diferenças de letramento e cultura que é sobretudo uma cultura oral, então o uso e abuso às vezes dos nossos estudantes, eu acho que tem a ver com a reprodução da oralidade nos instrumentos de comunicação com a universidade, então são estudantes que querem sobretudo o whatsapp pra conversar sobretudo com a coordenação, para conversar com os professores. Eu sei que isso é um movimento em geral que tem a ver com pandemia, virtualidade e uma série de coisas, mas acho que isso tá relacionado a questão do próprio letramento nativo que é um letramento oral, e que gera um estranhamento você ter que formalizar suas demandas em pleitos, e usar uma linguagem que não é aquela que habitualmente essas pessoas estão acostumadas, esses estudantes, mas que de certa forma é fundamental também.”

Muitas das dificuldades encontradas pelos nas disciplinas está relacionada à essa diversidade de letramentos, sendo que essas dificuldades podem favorecer ao abandono do curso:

“Então, no curso a gente tem um problema, né? O da evasão, sobretudo quando os estudantes chegam no momento de fazer os estágios, no momento de fazer o TCC, que é um momento bem complicado. Muitos fazem estágio 1, TCC 1 e depois abandonam porque eu acho que eles se deparam com a realidade da sala de aula e muitos não se vêem como professor. Então tem esse receio de tá na sala de aula. Eu falo isso também porque eu sou professora dos estágios na área de Ciências, e eu vejo que começou o estágio e eles já falam “vou desistir do curso”, “isso não dá pra mim”. Então, é um fato agravante que nós temos.”

“As coisas que a Participante 4 falou que levam à uma evasão é o pânico do TCC, e vem muito disso, eles têm muito apego à transmissão de conhecimento oral e quando chega na hora de colocar, de elaborar algo no papel é muito difícil elaboração tanto das ideias quanto da forma que ele vai escrever, porque eles escrevem muito da forma que pensam, então, muito da dificuldade deles com o TCC é esse apego à transmissão de conhecimento pela oralidade, então como eles tem essa dificuldade a gente tem um desafio muito grande no TCC, só queria fazer esse arremate. Porque a gente tem muita evasão por conta do TCC, isso é um fato, as vezes o estudante faz tudo, e empaca no tcc, fica no tcc e não termina. Já aconteceu com alguns estudantes, acho que tem haver com essa grande dificuldade da forma escrita, da forma de transmitir a ideia de uma forma clara por meio escrito. Isso me volta a sua preocupação Juliana, aos múltiplos letramentos de organização de ideias, que eles precisam ao longo do curso, sedimentar a organização das ideias.”

Informações dos Egressos de Ledoc no mercado de trabalho

Os dados a seguir foram retirados do Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS (2020) e com base neles podemos analisar a situação de uma parcela nos egressos no mercado de trabalho. No caso da Ledoc apresentamos duas habilitações: CN e Linguagens.

Na Tabela 2 e 3 notamos que a maior parte dos egressos está na administração pública, defesa e seguridade social e dentre estes a maioria é docente (Fig. 6 e 7). Nas figuras 7 e 9 podemos observar que quanto maior o tempo de formado, maior a renda salarial.

Tabela 2: Distribuição da remuneração mensal média dos formados em Ledoc (CN) por CNAE.				
CNAE CLASSE 2.0	REMUNERAÇÃO FORMADOS	QTD.	DP	CV

Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	R\$ 2.901,66	61	R\$ 1.651,33	0,57
Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	R\$ 349,38	4	R\$ 441,69	1,26
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Agricultura	R\$ 386,84	2	R\$ 60,49	0,16

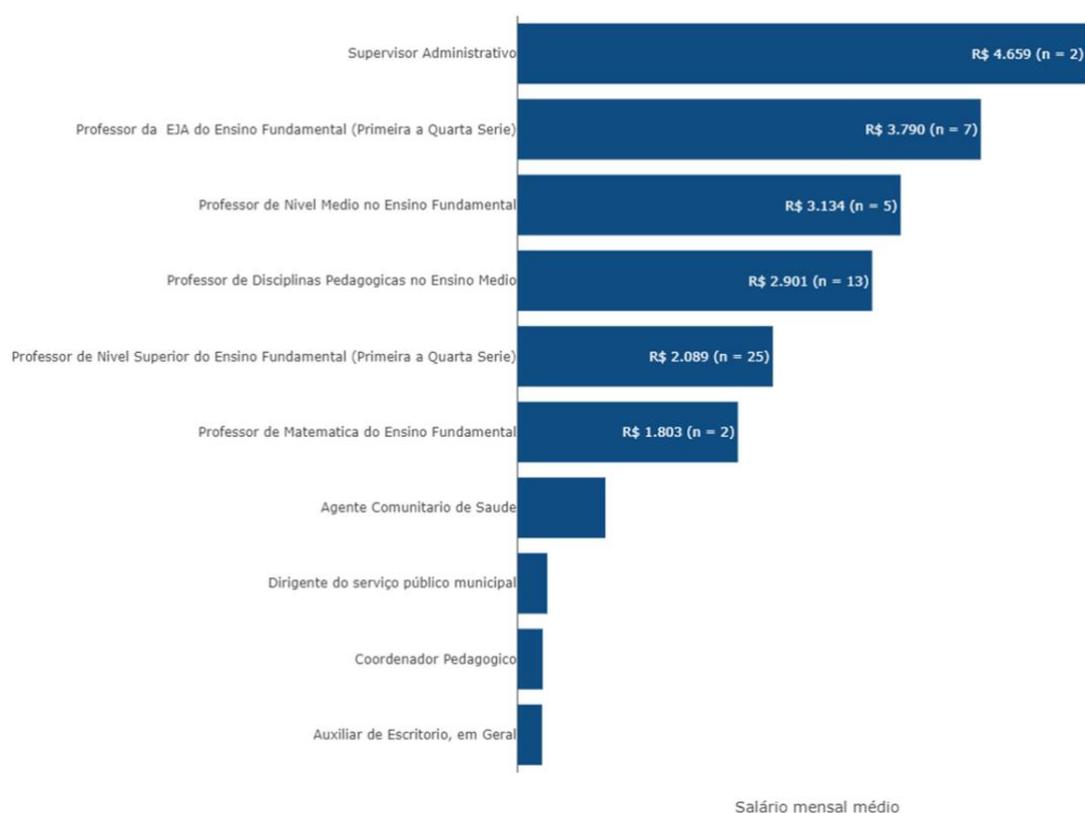


Figura 13: Distribuição da remuneração mensal média dos formados em Ledoc (CN) por profissão.

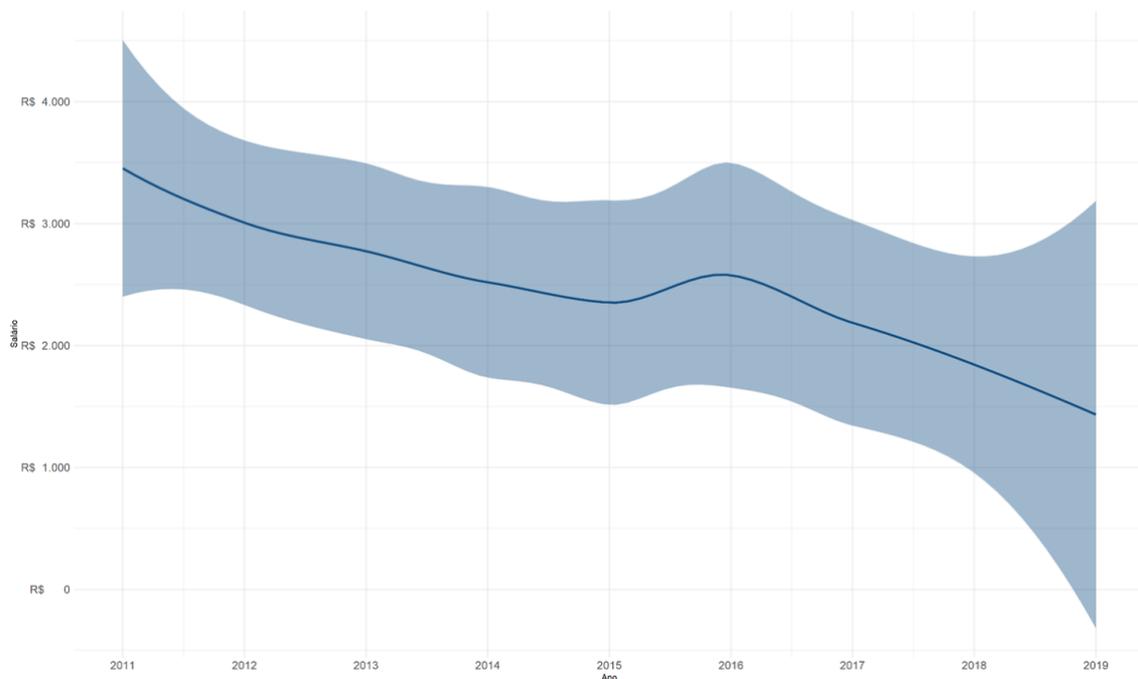


Figura 14: Distribuição da remuneração mensal média dos formados em Ledoc (CN) por ano de saída.

Tabela 3: Distribuição da remuneração mensal média dos em Ledoc (L/A/L) por CNAE.				
CNAE CLASSE 2.0	REMUNERAÇÃO FORMADOS	QTD.	DP	CV
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	R\$ 2.754,81	77	R\$ 1.985,20	0,72
Educação	R\$ 4.644,34	3	R\$ 3.236,27	0,70
Outras Atividades de Serviços	R\$ 1.995,25	3	R\$ 1.424,93	0,71
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	R\$ 1.077,98	2	R\$ 164,48	0,15

Comércio; Veículos e Motocicletas	Reparação de Automotores e	R\$ 987,74	2	R\$ 1.127,52	1,14
-----------------------------------	----------------------------	------------	---	--------------	------

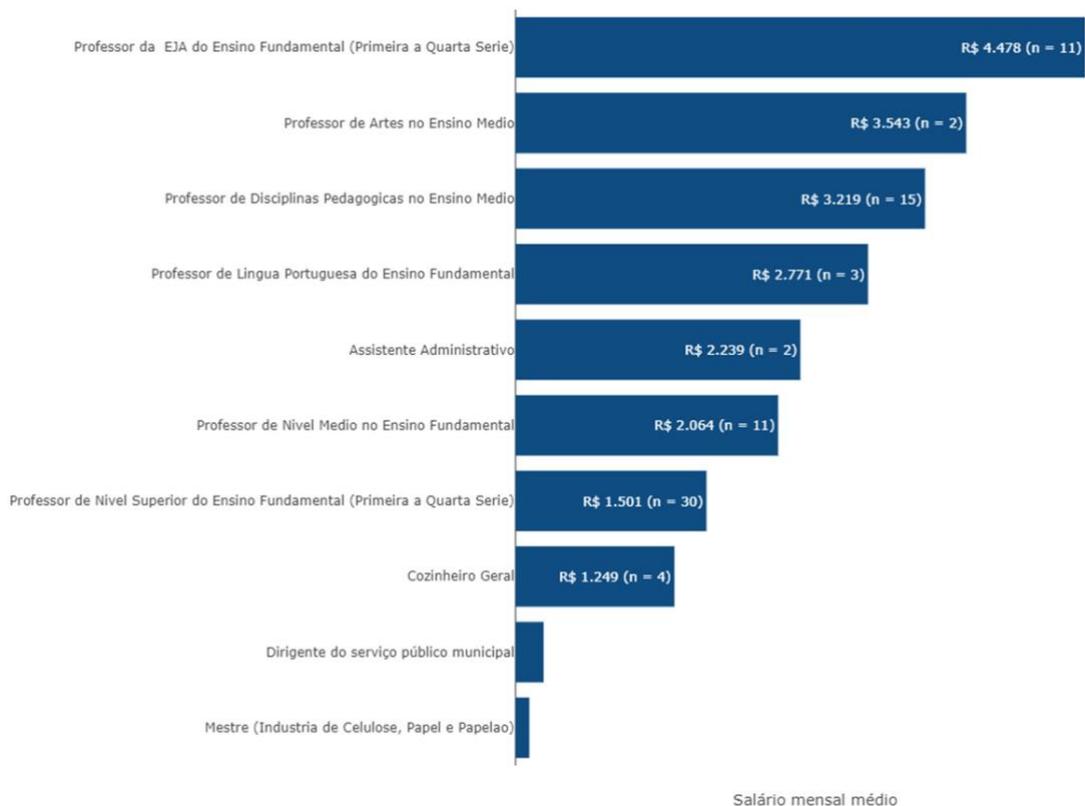


Figura 15: Distribuição da remuneração mensal média dos formados em Ledoc (L/A/L) por profissão.

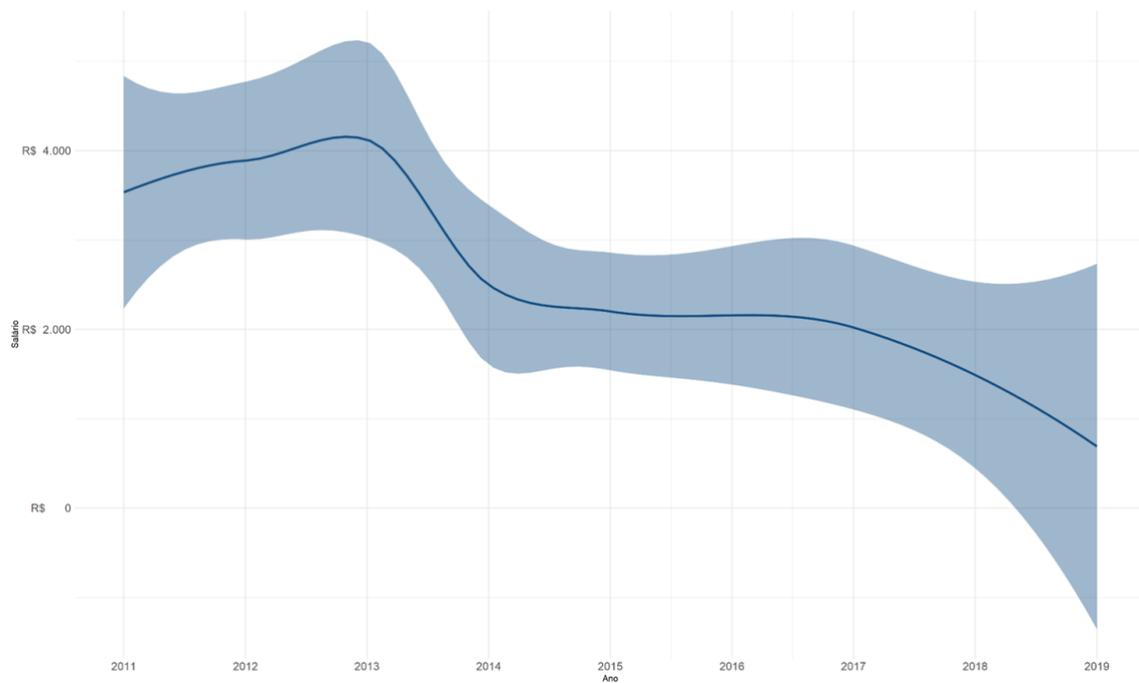


Figura 16: Distribuição da remuneração mensal média dos formados em Ledoc (L/A/L) por ano de saída.

O quadro abaixo apresenta uma síntese dos principais resultados encontrados, bem como a indicação de possíveis propostas, detalhadas na sequência.

Quadro 1 - Síntese dos principais resultados e medidas propostas para os cursos de licenciatura da FUP.

No	Diagnóstico	Medidas propostas	Prazo	Dificuldade de implementação	Agente responsável	Fatores a se atentar
1	Queda da relação candidato/vaga nas licenciaturas desde 2014	- Articulação da coordenação dos cursos de licenciatura com instâncias acadêmicas, tais como a DAPLI, para a promoção dos cursos de licenciatura junto aos estudantes do ensino médio (exemplo: mostra de cursos ou mostra das licenciaturas)	Curto	Fácil	Coordenações das licenciaturas	
2	Taxa de ocupação baixa e declínio intensificado após pandemia no curso LCN. Identificação do desconhecimento do curso de LCN e da FUP pela comunidade de estudantes da educação básica	- Implantação de um projeto ou programa de extensão de ações contínuas com o objetivo de divulgar e esclarecer sobre os cursos da FUP na comunidade escolar da região de influência da FUP.	Curto	Fácil	NDE ou colegiado único de graduação ou colegiado de extensão	
		- Política de acolhimento dos estudantes do momento da matrícula até o final do primeiro semestre com esclarecimentos sobre o curso, o campus, bolsas e monitorias. Poderia ser feito também com uma ação de extensão.	Curto	Fácil	Coordenação de curso	Necessidade de definição de quem seriam os atores responsáveis pelos acompanhamentos (exemplo, monitores das disciplinas de primeiro semestre; tutores).
		- Desenvolvimento de aplicativo com informações sobre o campus e cursos da FUP, com simulador a partir de uma análise de perfil do estudante	Longo	Difícil	Direção da FUP deve fomentar a formação de um grupo, via edital, para o desenvolvimento do aplicativo	Necessidade de recursos para contratação de equipe.
		- Investimento na publicização da identidade visual nas dependências da FUP (totens, letreiros, fachada etc.)	Médio	Fácil	Direção da FUP	Necessidade de recursos para implementação
3	Indicadores de fluxo das licenciaturas da UnB sempre abaixo dos demais cursos da Universidade	- Estudo para identificação das disciplinas de maior retenção nos cursos de Licenciatura.	Médio	Média	Direção da FUP deve fomentar a formação de um grupo de pesquisa através de edital específico	Necessidade de recursos para contratação de equipe.

		- Grupos de trabalho para analisar e propor estratégias para minimizar a retenção nas disciplinas identificadas.	Médio	Média	Direção da FUP deve fomentar a formação de um grupo de pesquisa através de edital específico	Necessidade de recursos para contratação de equipe.
4	Ampliação das oportunidades de estabelecer uma relação com a docência	- Desenvolver plano de divulgação das possibilidades de estágio, IC, PIBIC, RP e extensão para possibilitar que os estudantes conheçam mais sobre o ambiente escolar na perspectiva docente.	Curto	Fácil	Coordenação de Comunicação da FUP	
5	Dificuldade da permanência de muitos estudantes por questões financeiras.	- Desenvolver plano de divulgação das possibilidades de estágio, IC, PIBIC, RP e extensão para possibilitar que os estudantes conheçam mais sobre o ambiente escolar na perspectiva docente.	Curto	Fácil	Coordenação de Comunicação da FUP	
6	Divulgação de ofertas e possibilidades no mercado de trabalho	- Mapeamento dos egressos para analisar a inserção deles no mercado de trabalho	Longo	Difícil	Direção da FUP deve fomentar a criação de um grupo de trabalho para o acompanhamento.	Manutenção da lista de contatos de egressos atualizada.
		- Grupos em redes sociais e envio de e-mail a egressos dos últimos 5 anos para divulgação de oportunidades de trabalho.	Curto	Fácil	Coordenação de Comunicação da FUP	Manutenção da lista de contatos de egressos atualizada.
7	Condições de mobilidade estudantil	- Retorno do intercâmbio	Médio	Média	A direção da FUP deve pautar junto à gestão superior o retorno do Intercâmbio.	Necessidade de recursos para manutenção da oferta do serviço ao longo dos semestres letivos.
8	Reconhecimento das licenciaturas interdisciplinares na instituição e nos editais de concurso	- Contato com outras IES que possuem cursos semelhantes para organizar documentos de divulgação e esclarecimento sobre os cursos para as Secretarias de Educação dos estados que as instituições estão localizadas e arredores.	Médio	Média	Coordenação dos cursos de LCN e Ledoc	
		- Articulação com outras IES que oferecem licenciaturas em Ciências da Natureza para diálogo com CNE acerca	Médio / Longo	Média	Coordenação do curso de LCN	Possíveis resistências à ideia de uma normatização.

		da formulação de Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Naturais				
		- Criação do Fórum de Coordenadores de Cursos de Licenciatura em Ciências Naturais	Médio / Longo	Difícil	Coordenação do curso de LCN	Dificuldade de operacionalização e de gestão inicial do processo.
9	Limitação de atuação dos egressos no mercado de trabalho. Busca de muitos egressos por formação complementar.	- Possibilidade de complementação curricular. Negociar com a FE e IB (cursos com alta empregabilidade) a possibilidade do aluno egresso da FUP realizar uma complementação (2 anos) com disciplinas que habilitariam ele a trabalho como professor(a) dos anos iniciais ou de Biologia no EM.	Longo	Difícil	Direção da FUP	
10	Atualização dos currículos e maior integração dos cursos de licenciatura da FUP	- Implementar grupo de trabalho para atualizar e integrar os currículos das licenciaturas da FUP e possibilidade de complementação em outras licenciaturas.	Médio	Média	Direção da FUP deve fomentar a criação do GT	

A partir dos resultados apresentados foi possível organizar 10 situações que merecem atenção das equipes gestoras da unidade acadêmica e da instituição. Para cada uma dessas situações foi elaborada uma sugestão de ação, com indicação de agente responsável, prazos e possíveis dificuldades de implementação. Essas situações são chamadas aqui de diagnósticos e em alguns momentos, diagnósticos diferentes possuem uma ação semelhante, dessa forma, sempre que possível eles serão agrupados pela ação.

O primeiro diagnóstico está relacionado a baixa procura por cursos de licenciatura desde 2014. Certamente, a desvalorização da carreira docente tem um grande impacto nessa situação, mas algumas ações podem auxiliar na melhora desse cenário, como, por exemplo, uma maior divulgação dos cursos de licenciaturas nas escolas de ensino médio e nas mostras de cursos que ocorrem anualmente na universidade durante a semana de extensão. Essa ação pode ser coordenada pela Diretoria de Planejamento e Acompanhamento Pedagógico das Licenciaturas (DAPLI) e num curto espaço de tempo pode ter resultados positivos.

Ainda com relação a ocupação de vagas, um segundo diagnóstico indica uma queda mais acentuada no curso de LCN, agravada com a pandemia, mas que já vinha sofrendo uma queda ao longo dos anos. Notou-se que existe um desconhecimento do curso e da atuação dos egressos no mercado de trabalho. Para melhorar essa situação várias ações são necessárias:

- a. Maior divulgação dos cursos da FUP nas escolas da região de influência na faculdade, o que poderia ser feito através de um projeto de extensão;
- b. Política de acolhimento ao estudante ao longo do primeiro semestre, também através de um projeto de extensão;
- c. Desenvolvimento de aplicativo com informações sobre o campus e cursos da FUP, com simulador a partir de uma análise de perfil do estudante, o qual poderia ser fomentado através de um edital específico;
- d. Investimento na publicização da identidade visual nas dependências da FUP (totens, letreiros, fachada etc.).

Essas ações dependem de um trabalho coordenado da direção da FUP com o grupo de professores, pois necessita do engajamento do corpo docente. Seriam ações de curto e médio prazo que poderia trazer bons resultados.

Outro diagnóstico importante diz respeito aos indicadores de fluxo das licenciaturas que estão sempre abaixo dos demais cursos da UnB. As medidas propostas caminham em vias complementares, uma no sentido de se identificar as disciplinas em que são registrados os maiores índices de retenção; a outra seria a criação de grupo de trabalho com a incumbência de analisar e propor estratégias que contribuam para a diminuição dos índices de retenção. Tais ações seriam capitaneadas pela direção da FUP, por meio da constituição de grupos de trabalho que se ocupassem dessas medidas. Tais grupos poderiam ser formados por meio de editais específicos, o que demandaria a disponibilidade de recursos para tal.

Duas situações diagnosticadas com os estudantes estão relacionadas às oportunidades de conhecerem mais sobre o curso e sua profissão, e a permanência deles no curso por questões de recursos financeiros. Nesse caso a mesma ação pode ser indicada para os dois diagnósticos, que consistiria no desenvolvimento plano de divulgação das possibilidades de estágio, IC, PIBIC, RP e extensão para possibilitar que os estudantes conheçam mais sobre o ambiente escolar na perspectiva docente. Muitos estudantes não ficam sabendo das oportunidades que existem na unidade acadêmica. Um trabalho coordenado entre a direção, professores gestores de projetos e a coordenação de comunicação poderia gerar bons resultados.

Um diagnóstico que de alguma forma se relaciona com anterior é o relativo a oportunidades profissionais no campo de atuação que são pouco conhecidas dos estudantes. Isso pode ser relacionado em parte ao fato de os cursos de licenciatura ofertados pela FUP constituírem-se experiências formativas ainda muito recentes no cenário da educação superior e da formação de professores, especificamente. Dentre as propostas de ação há pelo menos duas que, de forma articulada, contribuiriam para a ampliação do conhecimento acerca do mercado de trabalho: 1) o acompanhamento dos egressos para mapear a inserção no mercado de trabalho; 2) criação de grupos em redes sociais e envio de emails a egressos dos últimos anos com oportunidades de trabalho. Tais ações deveriam ser conduzidas pela direção da FUP e pela assessoria de comunicação da unidade e teria como principal ponto sensível a manutenção da lista de contato atualizada.

Ainda relacionado ao mercado de trabalho, tem-se a indicação da necessidade de se empreender esforços no sentido de se promover o reconhecimento das licenciaturas interdisciplinares, o que é o caso dos cursos ofertados pela FUP. Um conjunto de ações foi elencado no sentido de se promover tal reconhecimento, entre tais ações estão: a articulação com outras instituições que oferecem cursos semelhantes para divulgação dos cursos de licenciatura junto às secretarias de educação e para mobilização junto ao Conselho Nacional de Educação com o objetivo de pressionar para a formulação de diretrizes curriculares para os cursos em questão. Em via auxiliar, tem-se também a proposição da criação de um fórum de coordenadores de cursos de Ciências Naturais com o objetivo de pensar a atuação e o futuro os egressos desses cursos. Tais ações demandam tempo e não são de fácil execução em função da complexidade que tais articulações envolvem. Os atores apontados como responsáveis pela condução dessas ações são os coordenadores dos cursos em tela.

Outro aspecto também relacionado ao mercado de trabalho está na limitação da atuação do profissional egresso do curso de Ciências Naturais. Nesse sentido, sinaliza-se a possibilidade de se pensar em uma complementação da formação inicial. Tal complementação poderia se dar via negociação com outras unidades acadêmicas como a FE e IB, de forma que o egresso do

curso de Ciências Naturais tivesse a possibilidade de realizar uma complementação (2 anos) com disciplinas que habilitariam ele a trabalhar como professor(a) dos anos iniciais ou de Biologia no EM. Essa também se constitui em uma ação de alta complexidade, desenvolvida em médio prazo e teria como principal ator a direção da FUP.

Um aspecto que parece ser também bastante sensível no que diz respeito ao acesso aos cursos ofertados pela FUP diz respeito à interrupção do transporte *intercampi*. Nesse sentido, o *intercampi* é apontado como um dinamizador da vida acadêmica da FUP e da universidade como um topo, à medida que permite aos alunos da unidade a participação em atividades acadêmicas ofertadas em outros *campi* e possibilita também que estudantes de outros *campi* realizem atividades acadêmicas da FUP, o que, por sua vez, contribui para a divulgação da unidade. O retorno do *intercampi* exigiria uma articulação da direção da unidade com a gestão superior e um dos fatores de atenção é a necessidade de garantir recursos financeiros para a manutenção do serviço.

Por fim, outro diagnóstico que surgiu a partir das conversas com estudantes e docentes foi a necessidade de atualização do currículo e uma maior integração entre as licenciaturas da FUP. Essa ação possibilitaria que os cursos tivessem mais disciplinas em comum e que possibilitassem diferentes percursos formativos para os estudantes. Para essa ação seria necessário a constituição de um grupo de trabalho composto por docentes de ambos os cursos para atualização desses currículos.

Referências

ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. Formar docentes para a Educação do Campo: desafios para os movimentos sociais e para a universidade. In: ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. (orgs.). Educação do Campo: desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 1722.

BRASIL, Ministério da Educação. Cresce a procura por cursos presenciais de licenciatura, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/17255-cresce-a-procura-por-cursos-presenciais-de-licenciaturaeducacao-superior-1690610854/17255-cresce-a-procura-por-cursoshttp://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/17255-cresce-a-procura-por-cursos-presenciais-de-licenciaturapresenciais-de-licenciatura>. Acessado em 28/11/22.

CAIXETA, J. E.; ROTTA, J. C. G; SILVA, D. M. S. Interdisciplinaridade na formação de professores de Ciências Naturais: o caso da Faculdade UnB Planaltina. *Educação Unisinos*, 26, 1-17, 2022.

DINIZ-PEREIRA, J. E. A situação atual dos cursos de licenciatura no Brasil à frente da hegemonia da educação mercantil e empresarial. *Revista Eletrônica de Educação*, 9(3): 273-280, 2015

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. DE S. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100http://dx.doi.org/10.1590/S0100-1574201000010001815742010000100018>

GOZZI, M. E.; RODRIGUES, M. A. Características da Formação de Professores de Ciências Naturais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 17, n. 2, p. 423–449, 2017.

HAGE, S. A. M.; SILVA, H. S. A.; BRITO, M. M. B. Educação superior do campo: desafios para a consolidação da licenciatura em educação do campo. *Educação em Revista*, 32 (4), 147-174.

MARANDINO, M. C. F.; BELTRÃO, K. I. Licenciaturas no Brasil. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 26 (3): 1-30, 2018.

MOLINA, M. C. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. *Educar em Revista*, 55, 145-166, 2015.

MOLINA, C. M.; ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, M. F. A. A produção do conhecimento na licenciatura em Educação do Campo. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 1-30, 2019.

NUNES, S. et al. Identidade do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais e suas características regionais. In: Silva, D. M. S. (Org). Quem é o/a licenciado/a em Ciências Naturais/da Natureza? Coletânea de textos do III CONCINAT. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019, pp. 86-96.

RAZUCK, R. C. de Sá R.; ROTTA, J. C. G. O Curso de licenciatura em Ciências Naturais e a organização de seus estágios supervisionados. *Ciência & Educação*, v. 20, n. 3, p. 739- 750, 2014.

REIS, R. de C.; MORTIMER, E. F. Um estudo sobre licenciaturas em Ciências da Natureza no Brasil. *Educação em Revista*, v. 36, p. 1-13, 2020.

SHECHTMAN, S. Dinâmicas curriculares e ações pedagógicas: desafios para implementação de um curso de licenciatura a partir do pensamento complexo e da transdisciplinaridade. Brasília: doutorado, Universidade Católica de Brasília, 2017.

SILVA, D. M. S.; PEDREIRA, A. J. A percepção dos alunos estagiários licenciandos em Ciências Naturais do papel dos professores supervisores da escola. *Revista Electrónica Enseñanza de las Ciencias*, v. 15, n. 3, p. 412-427, 2016.

SILVA, D. M. S.; PEDREIRA, A. J. Expectativas e medos de professores em formação: o papel do estágio supervisionado de ensino. *Ensino Em Re-Vista*, v. 27, n. 1, p. 118-137, 2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais. Universidade de Brasília, Planaltina, 2019.